

ENTREVISTA COM
TELE SANTANA
PÁGINAS 14 E 15

BRASIL AGORA

PARA A SORTE DO PC,
COLLOR, MAURÍCIO CORRÊA,
ITAMAR, FHC, PARREIRA,
MALUF, G-7... EU
ESTOU DE FÉRIAS!



ANO II Nº 43

19 DE JULHO A 01 DE AGOSTO DE 1993

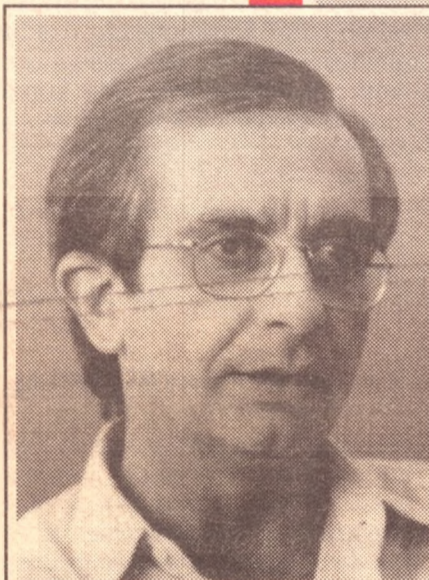
CR\$ 85.000,00

ANDRÉ DUSEK/FOLHA IMAGEM



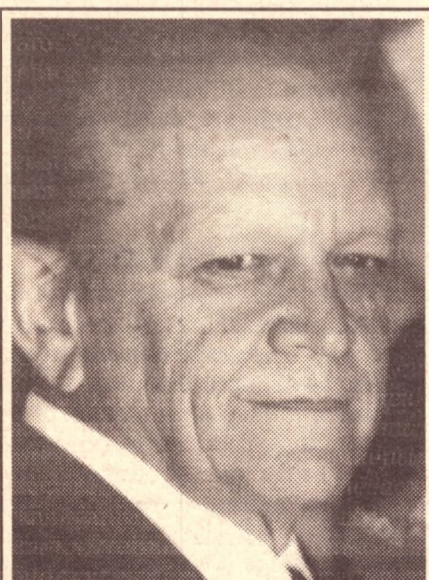
ROSANE COLLOR

MARCELO P./FOLHA IMAGEM

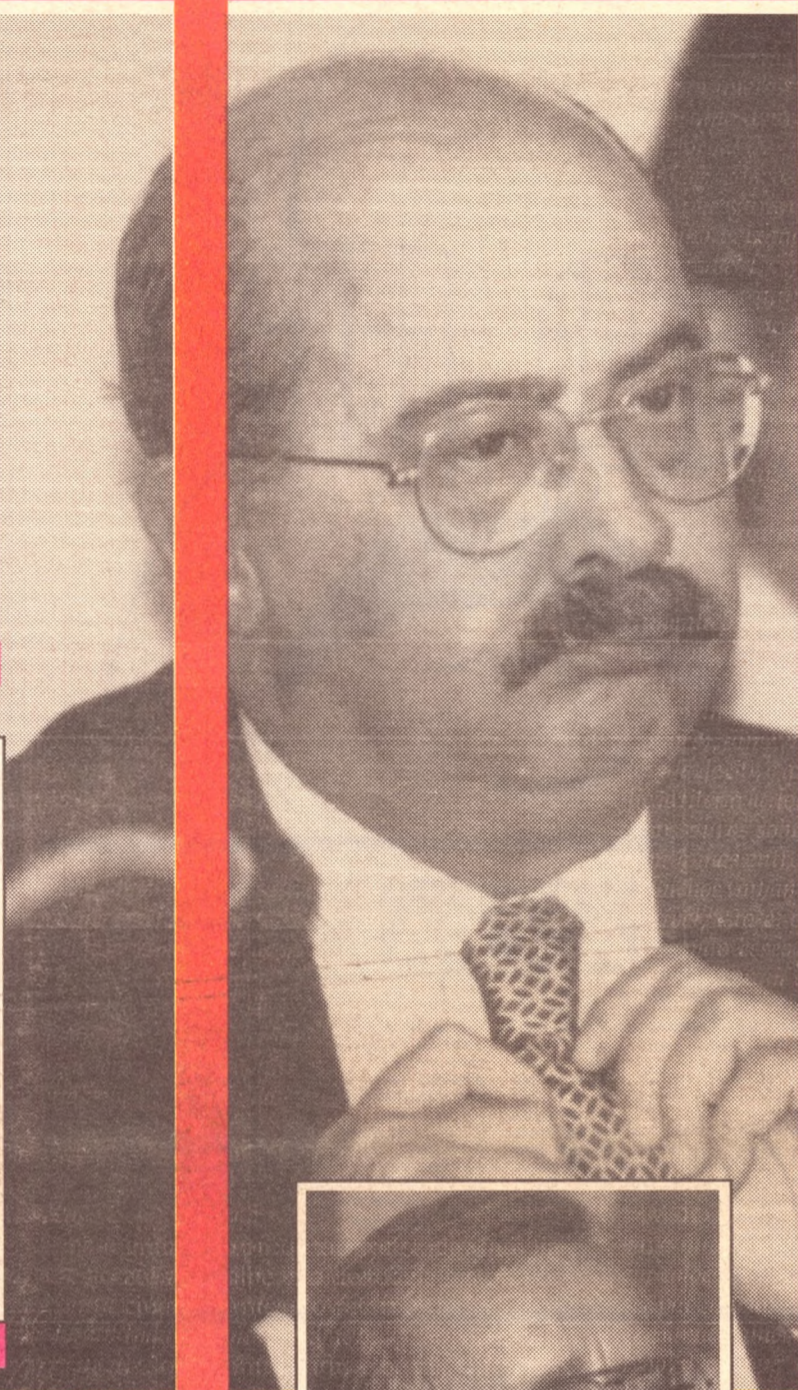


ANDRADE

MARIO FONTES/FOLHA IMAGEM



OLACYR DE MORAES



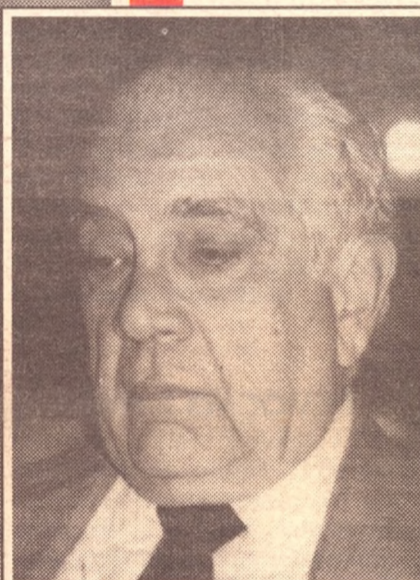
LULA MARQUES/FOLHA IMAGEM

MATUITI MAYEZO/FOLHA IMAGEM



FERNANDO COLLOR

BEL PEDROSA/FOLHA IMAGEM



JOSÉ ERMÍRIO

JORGE ARAÚJO/FOLHA IMAGEM



SCHUEER

ORMUZD ALVES/FOLHA IMAGEM



ODEBRECHT

SÃO O PC?

A quadrilha é grande. Milhões e milhões de dólares rolaram no esquema corrupto, envolvendo Collor, mega-empresários e políticos. PC era peça importante no esquema e merece cadeia. Mas só ele?

PÁGINAS 7, 8 E 9



DIÁLOGO

ENCRUZILHADA E PONTE

Entre os militantes do PT há muita gente com pendor para o intelectualismo, geralmente pouco claro e algo confuso. Não é o caso, porém, do ilustre companheiro Cristóvam Buarque que, no último número do **Brasil Agora**, sob o título "Encruzilhada e ponte", nos presenteia com uma lúcida lição sobre a posição que o partido deve assumir daqui pra frente, principalmente diante da perspectiva de eleição de Lula para a presidência da República.

É necessário o PT se posicionar frente à realidade nacional dos *incluídos* e *excluídos* que formam os dois "Brasis". Os setores organizados já levam uma vida digna e razoável. O duro é fazer toda essa gente - do empresariado ao trabalhador razoavelmente remunerado - compreender que é necessário incluir nos benefícios do atual estágio de desenvolvimento sócio-econômico do país "as massas até aqui excluídas", que aumentam constantemente.

KAROL MAJEWSKI
Cruz Alta, RS

DESCOLA BRASIL

Carta enviada à **Folha de S. Paulo** (Painel do leitor) em 26.6.93 e não publicada até esta data, 4.7.93:

A **Folha de S. Paulo**, em editorial do dia 23.6 ou 24.6.93 (não lembro a data), cobrou da CUT a participação na romaria intitulada Decola (ou é descola?) Brasil. Qual é o interesse dos donos deste jornal na ida da CUT ao grande Rá, ao aliado e ao presidente Itamar? A resposta ao editorial veio hoje, 23.6.93, através de Jair Meneguelli, explicando que não embarca em vôo cego.

MARILEIDE JANUÁRIA DE VASCONCELOS
São Paulo, SP

DEVOÇÃO E PDT

Pô! Bacana o jornal petista **Brasil Agora** nº 41. Hesito um pouco em adquiri-lo, passei pela primeira banca de revistas, entrei na igreja católica de Nossa Senhora do Rosário, ajoelhei aos pés da Virgem, que ia ser festejada pela massa popular, continuei seguindo a minha longa marcha contra o vento e a maré, rumo à faculdade burguesa, demoníaca, bárbara e reacionária, onde estudo (ossos do ofício), e antes de entrar no prostíbulo comprei finalmente o jornal, como nos velhos tempos de ingenuidade, que não voltam mais.

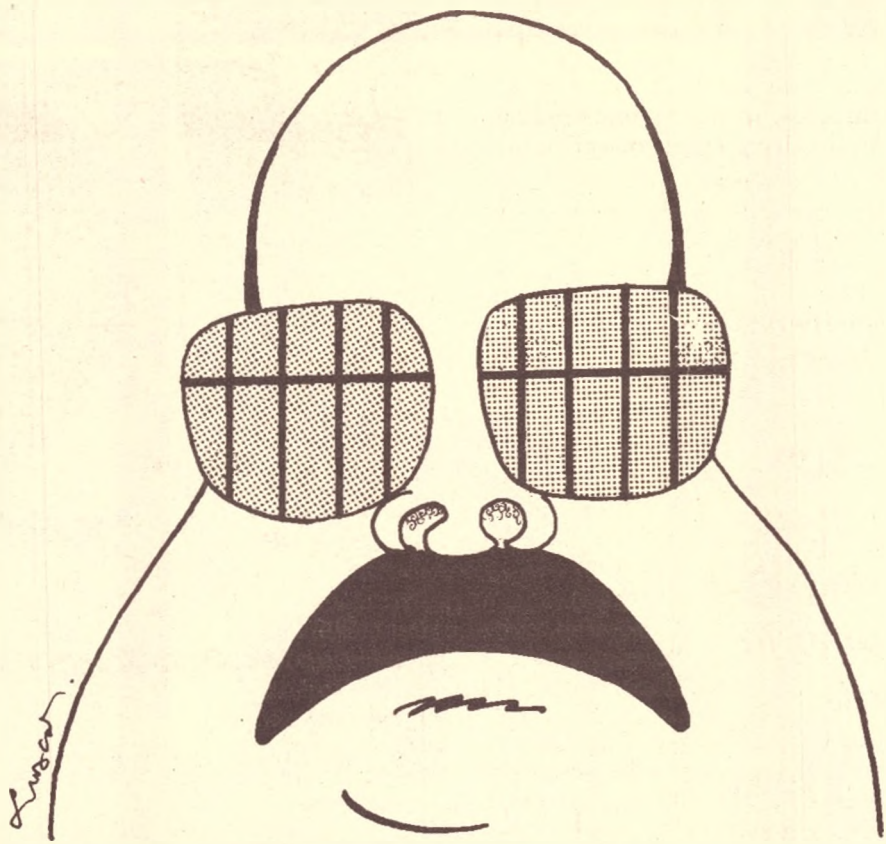
A briga do doutor Hélio Bicudo é boa e vou comprá-la também, custe quanto custar. Continuando o papel de advogado do diabo, penso que o erro crasso do 8º Encontro foi ignorar o PDT, único partido que não teve medo de ser feliz na campanha do plebiscito.

Gostei das reportagens sobre os livros *Pavilhão 9* e *Execuções sumárias de menores*. Meu mestre espiritual costuma repetir que os livros é que nos tornam respeitados, e isto é gostoso pacas.

FERNANDO COSTA DE PAULA
Petrópolis, RJ

DELGADO DEMAIS

Consternado fiquei ao ler as declarações do deputado Paulo Delgado no **Jornal do Brasil**, no dia 22 de junho último. Delgado é definitivamente um caso perdido. Assimilou tudo o que de mais reacionário há na ideologia burguesa. Ele diz, por exemplo, que o papel de Lula "é mostrar ao Brasil que um cara com aquelas características pode vencer". Do mesmo jeito que "os 32 milhões de esfaimados de nosso país" também podem. Só lhes faltam força de vontade e trabalho, não é mesmo? Falta pouco para Delgado falar que quem mora em favela é vagabundo e



DIRETOR: JOÃO MACHADO. **EDITOR:** JOSÉ AMÉRICO DIAS. **EDITOR DE ARTE:** CACO BISOL. **REDAÇÃO:** ANTONIO MARTINS, FLAVIO AGUIAR, HAMILTON CARDOSO, MOURAZ BENEDITO, VALTER POMAR. **SECRETÁRIA:** ADÉLIA CHAGAS. **SUCURSAL RIO GRANDE DO SUL:** LUCIANE FAGUNDES, JOSÉ LUIZ LIMA E MARCO ANTONIO SCHUSTER. **COPIDESQUE E REVISÃO:** CELSO CRUZ. **DOTAÇÃO:** ELIZABETE D. DA SILVA. **EDITORAÇÃO ELETRÔNICA:** FABIANO CIAMBRA, JOTA E SILVIA ROMERO. **PRODUÇÃO GRÁFICA:** FABIANO CIAMBRA. **COLABORADORES:** ALAN RODRIGUES, ALIPIO FREIRE, ALÍSIO MORAIS, ANDRÉ SINGER, ANTONIO CARLOS FON, ANTONIO CARLOS DE QUEIROZ, CLOVIS CASTRO, BERNARDO KUCINSKI, BRENO AITMAN, CARLOS E. CARVALHO, CELSO HORTA, CÉLUS, CINTIA CAMPOS, CLÁUDIO SCHUSTER, DENISE NEUMANN, EDMUNDO DE SOUZA, ELIANA ALVES DE MORAES, EMIR SADER, EUGÊNIO BUCCI, FERNANDA ESTIMA, FERNANDO PAIVA, FLAMARION MALÉS, FLÁVIA DE SAMPAIO LEITE, FLÁVIO LOUREIRO, FLÁVIO PACHALSKI, GENARO LISBOA, HÉLIO SILVA, HUGO SCOTTE, IVAN SEIXAS, ISAAC AKCELSKI, JOÃO ANTONIO, JOSÉ ROCHA, JUAN PEZZUTTO, JUAREZ GUIMARÃES, JUSTINO PEREIRA, KIPPER, LINET MARTINS, LUSCAR, MANOEL ALVAREZ, MARCIA BRAGA, MARCIA MOREIRA, MÁRCIO BUENO, MÁRCIO VENCIGUERRA, MARCO ALBÉLIO GARCIA, MARCOS SOARES, MARIA LÚCIA BRANDÃO, MARIO AUGUSTO JAKOBSSON, MARIANGONI, MARISA MELIANI, MARIZA DIAS COSTA, MIADARA, MITON FOGO, NELSON RIOS, NIMÁRIO MIRANDA, NORMA SUELI O. REIS, NORA NARUJI, OHI, PATO, PATRÍCIA CORNUS, PAULO BARBOSA, PAULO ROBERTO FERREIRA, PAULO ZIEBERMANN, PEDRO ORTIZ, PERSEU ABRAMO, RAJMONDO

BRASIL AGORA

PEREIRA, ROGÉRIO SCITTI, RUI FALCÃO, SÉRGIO CANOVA, SÉRGIO SISTER, WALTER ONO, WLADIMIR POMAR. A OPINIÃO DOS ARTICULISTAS NÃO REFLETE NECESSARIAMENTE A LINHA EDITORIAL DO JORNAL.

BRASIL AGORA É UMA PUBLICAÇÃO QUINZENAL DA EDITORA BRASIL AGORA LTDA. - ALAMEDA GLETE, 1049 - CEP 01215 - SÃO PAULO (SP). FONES: 222.6318/222.4326/220.7718. FAX: (011) 222.2865. **ADMINISTRAÇÃO:** Mª ALICE DE P. SANTOS. **ASSISTENTE:** IVANILDA ALVES. **DEPARTAMENTO DE CIRCULAÇÃO (COORDENAÇÃO GERAL):** MARIA ODETE G. DE CARVALHO E JOSÉ LUIS NADAI, ANA MARIA ALVES (ASSINATURAS), GUIBERTO GENESTRA (DIGITAÇÃO). **GERENTE DE DESENVOLVIMENTO:** PAULO M. SOLDANO. **GERENTE DE MARKETING:** EDER DE ARAÚJO SANTOS. **ASSINATURAS:** RIO DE JANEIRO: ANA CLÁUDIA F. GONÇALVES (021) 242.0793. FORTALEZA: JOSÉ VITAL (085) 252.1992. PORTO ALEGRE: MOSES BALESTRO (051) 221.7733. BELÉM: JOSÉ MARIA R. DE SOUZA FILHO (091) 224.8579. BELO HORIZONTE: ANTONIO BORGES (CEROLA) (031) 222.3735. FLORIANÓPOLIS: PAULO EDUARDO SOLDANO, EIZABETH A. BERNARDO (0482) 23.5907. EXPEDIENTE: JOÃO A. GUEVARA. **SERVÍCIOS GERAIS:** ELSILVANIA M. FERREIRA, FERNANDO S. SIQUEIRA, LUCIENE B. SILVA, MARCELO L. C. PONTES. **IMPRESSÃO:** DIÁRIO DE MOGI. **DISTRIBUIÇÃO:** DINAP S/A. **TIRAGEM DESTA EDIÇÃO:** 35.000 EXEMPLARES FORAM IMPRESSOS NO DIA 14 DE JULHO DE 1993. **JORNALISTA RESPONSÁVEL:** JOSÉ AMÉRICO DIAS

que "preto" não vence por causa da cor. É duro ver um deputado petista se render a conceitos pelos quais deveria estar combatendo. Delgado assume claramente um papel deseducador e se iguala de forma medonha a figuras como Rodolfo Konder e Ferreira Neto.

Está na hora do conjunto do partido dar um basta a estes deputadinhos vendilhões, aprendizes de Paulo Francis, que destilam publicamente suas frustrações de derrotados e suas insuficiências típicas dos mediocres. Não dá mais para ficar calado frente às viúvas do socialismo real, que se utilizam da grande imprensa para jogar lama na vida interna do PT. Faço um apelo a todos os petistas que estão tão indignados quanto eu a se manifestarem contra

Delgado e Cia. através da imprensa partidária e de seus respectivos diretórios municipais.

SALVADOR EUGÊNIO JR.
Campinas, SP

GEOGRAFIA DO PT

Sobre os resultados do 8º Encontro Nacional do PT, várias análises já foram desenvolvidas objetivando clarear as perdas e os ganhos deste ou daquele setor, os avanços e recuos de grupos mais à esquerda ou mais à direita, segundo a visão intrigada e intrigante da grande imprensa. Traçamos contudo uma nova contribuição, jogando sobre a formação do diretório um foco de luz diferente, examinando-o à luz da representação dos diversos estados brasileiros. Verificamos que são 17 as unida-

des da federação representadas nas posições do DN, sendo que três delas - SP, MG e RS - representam mais de 53% do total. Se incorporarmos Pernambuco e Rio de Janeiro, chegaremos à conclusão de que mais de dois terços dos membros do diretório são de cinco estados.

Interessantes são ainda algumas constatações de caráter bem simples: a) a Bahia, com a quinta bancada de delegados, fica com apenas um representante na direção; b) Pernambuco, com 2,51% dos delegados, tem 7,41% dos cargos do DN; e c) o Acre, apesar dos seus 0,58% de delegados, fica com 3,7% da direção.

RUBENS DE SOUZA PASSOS
Natal, RN

O QUE É RENOVAÇÃO?

Li hoje (12 de julho) na **Folha de S. Paulo** um artigo de José Genoíno em que ele afirma que o verdadeiro paradigma hoje no PT não está entre "esquerda" ou "direita" (as apassão dele mesmo), mas entre o conservadorismo e renovação. Acho que ele devia deixar mais claro isso tudo, principalmente quando diz que um exemplo de conservadorismo é "manter um estatismo anacrônico". Ele não dá uma alternativa para esse "estatismo". Seria simplesmente entregar as empresas estatais aos capitalistas em troca de bananas, como está sendo feito? É isso que ele acredita que seja a "renovação"? Será que os empresários brasileiros têm condições de merecer o rótulo de "renovadores" em contraposição às empresas estatais? Já que chamam tanto as pessoas de esquerda de dinossauros, que qualificação Genoíno daria aos empresários brasileiros?

RITA L. ANANIAS
Brasília, DF

FALTA INTERNACIONAL

Temos criticado a grande imprensa pelo abandono do noticiário internacional, justamente num momento em que no mundo todo ocorrem grandes transformações. A **Folha de S. Paulo**, por exemplo, não tem mais nem um caderno de notícias internacionais. A seção "Mundo" é minúscula, proporcionalmente. Mas parece que não é só a grande imprensa que está assim. O **Brasil Agora** praticamente ignora o que acontece no mundo, quando a gente precisa de explicações mais honestas do que as da grande imprensa sobre, por exemplo, o que acontece na Somália, em Angola e mesmo na Europa.

JOSÉ A. NOGUEIRA
São Paulo, SP

MALUF CARIOCA

Maluf está acabando com tudo que é social em São Paulo, conforme temos visto no próprio **Brasil Agora**: educação, saúde, transporte coletivo. Realmente, era o que se podia esperar dele, um sujeito que incorporou o slogan "rouba mas faz" tem que desviar tudo quanto é dinheiro para obras, que é onde dá pra superfaturar, criar um caixa 2 etc. E está certo o jornal em mostrar isso. Mas e as outras capitais governadas pela direita? Por que vocês não fazem uma reportagem contando o que o César Maia está fazendo aqui no Rio de Janeiro? O homem ainda não é um Maluf, com condições de se candidatar a presidente pela direita, como é o caso do prefeito de São Paulo, mas se a gente não se cuidar ele pode chegar lá. Afinal, ninguém imaginava que um sujeito tão mesquinho pudesse chegar um dia a ser um grande líder da direita brasileira, não é? Pois eu não duvido que César Maia seja um caso semelhante. Pau nele, desde já.

C. F. LIMA
Rio de Janeiro, RJ

ASSINE BRASIL AGORA

SE PREFERIR,
ASSINE PELO
TELEFONE:
LIGUE GRÁTIS
0800-11.1300

PREENCHA EM LETRA DE FORMA. Envie cheque nominal e cruzado à EDITORA BRASIL AGORA LTDA. Alameda Glete, 1049 - Sta. Cecília CEP 01215 - São Paulo/SP - Fones (011) 222.6318, 222.4326

NOME _____

ENDEREÇO _____

CIDADE _____

FONE _____

UF _____

CEP _____

PROFISSÃO _____

CARTÃO CRÉDITO: _____

VALIDADE: _____

Nº _____

CARTÕES: VISA, CREDICARD E AMERICAN EXPRESS

- Assinatura 12 edições Cr\$ 900.000,00
- Assinatura para o exterior (semestral US\$ 30,00)
- Assinatura 25 edições (anual) Cr\$ 1.750.000,00
- Assinatura de apoio (anual) Cr\$ 2.700.000,00

Incomodar é preciso

O PT surgiu em 1979, quebrando crenças antigas que pairavam na política nacional, foi responsável por arrastar para o cenário político milhões de indivíduos desiludidos com o seu poder de intervenção cotidiana. Elegeu trabalhadores e trabalhadoras para o Congresso e para prefeituras, e quase conquistou a presidência da República. Foi responsável pelo desenvolvimento de importantes movimentos de massa, inclusive o processo de impeachment de Collor. É isso incomoda muita gente.

Desde o começo, muitas feministas se filiaram ao PT e tiveram importante participação na construção dos rumos do partido. Sabíamos que o machismo entranhado na nossa sociedade ali também se manifestava, mas vislumbrávamos a possibilidade de estabelecer um debate democrático e construir uma nova visão de mundo e de poder. Poder com a participação feminina, sem desigualdade, que entendesse as diferenças e respeitasse a pluralidade, que percebesse que o mundo é composto de homens e mulheres; negros, brancos e amarelos; crianças, adultos e velhos. E isto incomoda muita gente.

Durante anos a imprensa não deu importância ao que se passava no PT e no movimento feminista. Isto incomodava e a opção era fazer de conta que não existíamos. Agora, como continua incomodando, tenta-se uma nova estratégia: distorcer, manipular informações ou passar uma imagem de que todos somos xiitas e irresponsáveis.

A CONQUISTA DOS 30%. Nós, mulheres petistas, lutamos para conquistar direitos iguais de participação e, no I Congresso Nacional, após debates e deliberações municipais e estaduais, conquistamos uma resolução que determina, no mínimo, 30% de mulheres em todas as instâncias da direção. Não foi um decreto, nem uma concessão dos homens do partido. Foi um processo trabalhado, discutido, fruto de muita

reflexão e da prática democrática de convencimento.

O partido concluiu, por ampla maioria, ser necessário estabelecer uma medida que alterasse a "ordem natural" que exclui mulheres da participação política. Cerca de 40% de seus filiados são do sexo feminino, mas, nas suas direções, apenas 5% eram mulheres. Assim, decidimos começar, aqui e agora, uma democracia de gênero. Sabemos que isto incomoda muita gente.

A implementação desta regra não é simples, já que esbarra em preconceitos milenares. Afinal, homem público é sinônimo de político e mulher pública significa prostituta. Há dois anos vivemos a aplicação da resolução das cotas nas direções estaduais e municipais e, no último mês, com o 8º Encontro Nacional, esta política foi aplicada pela primeira vez também na Direção Nacional. Neste encontro, éramos 22% dos delegados,

enquanto que antes não passávamos de 10%. Isto já foi um resultado da nova política implementada nos estados e municípios. Nestes dois anos temos estreitado contatos com mulheres e partidos da Europa e da América Latina. No SPD alemão, no PDS e no RD mexicanos esta política já é implementada há algum tempo. De muitos países chegamos pedidos de detalhes sobre a proposta e a ação vivenciadas pelo PT. Claro que isto incomoda muita gente que não está acostumada com a democracia entre sexos e que continua achando que lugar de mulher é na cozinha.

Incomoda gente que acha poder prescindir do olhar feminino na elaboração de programas de governo e de soluções para problemas brasileiros. Incomoda quem acha que as mulheres competentes nunca são discriminadas. Para quem acha que o machismo é uma mera invenção de mulheres mal amadas, incomoda muito mais.

ANGELA BORBA é membro da Secretaria Nacional de Mulheres do PT

O PITO DE FHC

Fernando Henrique quebrou o pito no dia 13 de julho. O falante Ministro da Fazenda esperava uma vitória tranquila na votação pela Câmara (em 2ª instância), do projeto de política salarial, mas perdeu feio. Fernando Henrique queria que o reajuste mensal não ultrapassasse 50% da inflação, contentou-se com 60% do projeto da liderança governista, mas não adiantou. Perdeu mesmo assim. Foi aprovado o projeto que concede reajuste mensal com base na inflação integral, da bancada do PT. A única forma de segurar o que foi aprovado pelos deputados, agora, é o desgastante caminho do veto presidencial.

Itamar e o seu ministro da Fazenda sofreram um imenso desgaste político. A derrota não só expôs a frágil sustentação política do governo no Congresso como também desnudou definitivamente os propósitos neoliberais de Fernando Henrique, transformando-o em mais um ministro do arrocho, dos muitos que o país já teve. Em vez de combater os monopólios industriais, que manipulam como querem os preços, e os bancos, que continuam amealhando lucros exorbitantes, FHC preferiu imitar os seus antecessores e seguir o riscado dos tubarões nativos e do FMI.

Tal postura do governo Itamar e de Fernando Henrique precisa ser combatida não só pelos partidos de oposição e sindicatos, mas também por toda a sociedade civil organizada que se dispõe a lutar contra a crise e a miséria em nosso país. É um acinte que FHC tente manter os salários como a única "mercadoria" não indexada da economia brasileira.

Registramos, com pesar, o assassinato do ex-deputado, dirigente petista e sindicalista ferroviário carioca, Batistinha, ocorrido no Rio de Janeiro, na primeira semana de julho. O crime, cometido covardemente por pistoleiros profissionais na presença de seus familiares, exige imediata punição de seus responsáveis e mandantes.

○ EDITOR

E quando ele for preso...

- VAMOS
REVISTA-LO.
O QUE VOCÊ
TEM NOS
BOLSOS?



- NADA. SÓ ALGUNS MEGA-
EMPRESÁRIOS, GOVERNADORES,
PARLAMENTARES,
O ITAMAR
E VOCÊS
DA PF...

MAMILTON

OPINIÃO
JUAREZ LOPES PEREIRA *

Contag discute CUT

A polêmica da construção do projeto cutista por dentro da estrutura oficial já deveria estar superada. As plenárias nacionais do DNTR (Departamento Nacional dos Trabalhadores Rurais, da CUT) já haviam decidido esta estratégia. A CUT nacional, na plenária do 4º Congresso, referendou a decisão do departamento e aprovou a participação no 5º Congresso Nacional dos Trabalhadores Rurais. Esta participação resultou na composição não só da direção da confederação, mas também na construção de um projeto político sindical para o campo.

A participação dos cutistas no 5º Congresso da Contag muito contribuiu nas discussões políticas e na definição de linhas de ação que permitem o avanço do movimento. O 5º Congresso decidiu que a Contag deveria abrir o processo de discussão sobre filiação a uma central e indicou a CUT como referência.

Neste período de um ano e meio, após o congresso, a direção da Contag vem, gradualmente, implementando estas resoluções. A filiação da Contag à CUT não pode ser vista simplesmente na ótica da estrutura sindical. É preciso que seja entendida como estratégia de fortalecimento e de construção da CUT no campo.

O debate sobre qual a melhor estrutura para o campo deve ser elemento de reflexão permanente nos fóruns cutistas, nas federações e junto aos trabalhadores nos seus sindicatos de base. É consenso que a estrutura sindical oficial não responde mais à realidade e às diversidades existentes no conjunto da classe trabalhadora e, de forma especial, às organizações dos trabalhadores rurais brasileiros. No entanto, é preciso compreender que o processo de organização e construção de uma nova estrutura tem que ser visto como um processo que busque, acima de tudo, as experiências e que tenha como base o nível de consciência política e classista dos trabalhadores.

uma nova estrutura não pode ser conduzida sem levar em conta as experiências positivas e negativas que a chamada velha estrutura proporcionou à organização e à luta dos trabalhadores. Portanto, a discussão que tentam abrir hoje no meio do movimento sindical dos trabalhadores rurais e da CUT, tendo como tema a estrutura oficial, perde o sentido, uma vez que muitas federações, e até mesmo a Contag, avançaram no processo de democratização e da adequação de suas estruturas à realidade e

às diversidades existentes no meio rural. O exemplo disso é o fato de a própria Contag ter hoje, além de uma estrutura inovadora dividida por secretarias, uma instância democrática para deliberações máximas, que é o seu congresso. Assim, o

discurso sobre generalidades da oficialidade da estrutura perdeu qualquer sentido.

A discussão sobre a filiação da Contag à CUT não passa apenas pelas normas estatutárias. Esta decisão exige a identificação do momento e do fórum apropriados para a sua tomada, pois já há critérios normativos que dão esta orientação. Entretanto, a filiação depende, sobretudo, de um amplo debate sobre conjuntura, para sinalizar o momento político oportuno à sua formalização.

A polêmica levantada pelo companheiro Milton Pomar, na edição nº 42 do jornal **Brasil Agora**, não procede e, na minha opinião, reflete o entendimento de alguns sindicalistas que colocam a questão da estrutura como a mais importante. Esquecem-se, porém, que a estrutura viável para o conjunto dos trabalhadores é aquela que está a serviço da política e da sua organização. A estrutura é, e representa, o que as pessoas que passam por dentro dela são; portanto, o problema maior não é de estrutura, mas de falta de política.

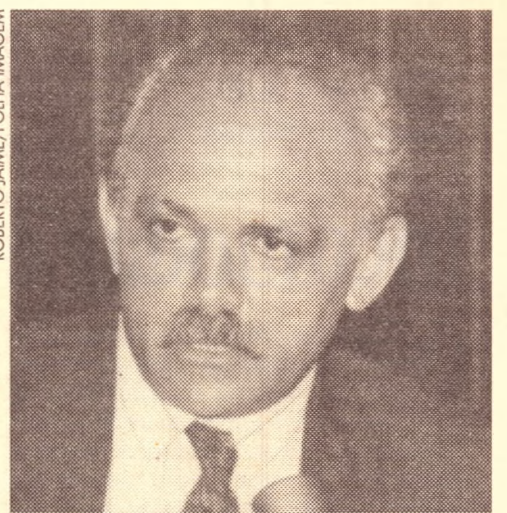
* JUAREZ LOPES PEREIRA é secretário-geral da Contag - Confederação Nacional dos Trabalhadores na Agricultura

NOVA ESTRUTURA. A edificação de

Vencerão os revisionistas?



Moreira, da FIESP, quer revisão já



Medeiros soma com direita revisionista

Se não houver maior pressão sobre o Congresso, a revisão vai acontecer a partir de outubro.

Revisar ou não revisar, eis a questão. Ela não atormenta o presidente da Câmara dos Deputados, Inocêncio de Oliveira (PFL-PE), cujo discurso de encerramento do semestre parlamentar já anunciou para 5 de outubro o início da revisão constitucional.

O caso é o seguinte: o Artigo 3º do Ato das Disposições Transitórias determina que "a revisão constitucional será realizada após cinco anos, contados da promulgação da Constituição, pelo voto da maioria absoluta dos membros do Congresso Nacional, em sessão unicameral".

Tudo neste texto é objeto de no mínimo dupla interpretação. A começar pelos presumidos propósitos dos constituintes, ao incluir tal artigo nas Disposições Transitórias. Seria, como diz o deputado José Genoíno (PT-SP), uma admissão implícita das "limitações" do Congresso Constituinte, que para corrigi-las "agendou uma revisão para 1993"? Ou seria, como argumentam outros deputados petistas e toda uma corrente de juristas, um artigo destinado a permitir a adequação da Constituição ao siste-

ma e forma de governo aprovados no plebiscito?

É claro que os adeptos da segunda interpretação argumentam ser desnecessária a realização da revisão constitucional, já que o plebiscito conservou a República e o presidencialismo. E as adequações eventualmente necessárias poderiam ser feitas através de Emenda Constitucional - mecanismo mais exigente do ponto de vista de quórum, prazos e processo de votação.

INTERESSES. Mesmo entre os que não vinculam o Artigo 3º ao resultado do plebiscito de abril, há polêmicas sobre a extensão da revisão. O Estado de S. Paulo, porta-voz da fina-flor do conservadorismo paulista, acha que a revisão pode e deve ser ampla. Como diz seu editorial de 12.7.93, "o sistema tributário carece de alteração ampla e imediata; uma boa reforma fiscal simultaneamente abrangente e profunda é essencial para que se extinga o déficit público, cuja preservação

impede que se debele a inflação; o problema da estabilidade do funcionalismo tem que ser equacionado corretamente, senão compromete-se a governabilidade de que precisará dispor o próximo presidente da República, que terá de contar com meios de diminuir a despesa pública". O Estadão inclui ainda, entre as vítimas do revisionismo, os monopólios - como a Petrobrás.

A extensão da revisão é tema polêmico, mesmo entre os conservadores. A grande maioria entende que não se deve mexer nas chamadas cláusulas pétreas da Constituição - sendo que os mais civilizados incluem entre as cláusulas pétreas certos direitos e garantias individuais e sociais que, para os conservadores, não deviam nem ao menos constar do texto da Carta Magna. O PSDB e o PMDB, por sua vez, discutem a proposta de excluir da revisão o capítulo das conquistas sociais. Atendo-se aos temas políticos, fiscais e da ordem econômica, pensam evitar o confronto com a es-

querda e os movimentos sociais num período pré-eleitoral.

Preocupação semelhante assombra o Planalto. Itamar, segundo vem publicando a grande imprensa, está preocupado com a "sensibilidade" que os deputados demonstraram frente às demandas populares no episódio do reajuste salarial. Teme que isso se reproduza durante a revisão, fazendo o feitiço virar contra o feitiço. A mesma preocupação é expressa pelo Estadão, que alçou de "fascista" a pressão sobre os parlamentares.

INTERPRETAÇÕES. Voltemos às polêmicas sobre o Artigo 3º. Lá se afirma que a revisão será realizada "após cinco anos, contados da promulgação da Constituição", que aconteceu no dia 5 de outubro de 1988. O termo "após" vem sendo interpretado de duas maneiras: a de Inocêncio, segunda a qual a revisão deve ter início exatamente cinco anos após a promulgação; outra, a dos contrários à revisão, segundo a

qual a revisão pode acontecer em algum momento - em aberto - após os cinco anos.

O entendimento de Inocêncio é contestado pelo líder do PT na Câmara, deputado Wladimir Palmeira (PT-RJ). Segundo Palmeira, qualquer iniciativa referente à revisão - como, por exemplo, a formação de uma Comissão Mista (composta por senadores e deputados) para discutir o regimento da revisão - só pode ser adotada após cinco anos da promulgação.

O PT que, juntamente com o PSB, o PDT, o PCdoB e o PSTU, forma a bancada contrária à revisão, só terá êxito em impedi-la se houver uma pressão popular substancial. Até o momento, os setores contrários à revisão - como a Central Única dos Trabalhadores, a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil e a Ordem dos Advogados do Brasil - têm se limitado a declarar sua posição e estudar medidas judiciais. Como sabem que isto é insuficiente, todas estas entidades já montaram equipes para estudar as propostas que irão defender na revisão.

VALTER POMAR

A ERA DA MANIPULAÇÃO WILSON BRYAN KEY



SCRITTA
EDITORIAL

Era uma vez um mercado editorial com dificuldades em sobreviver diante da crise do país.

Era uma vez um país com editoras que persistiam em seu trabalho.

Era uma vez um trabalho feito pelos canais de distribuição que apostavam no público consumidor.

Era uma vez um consumidor que não deixava de comprar livros.

Era uma vez um livro de auto-ajuda diferente, moderno, que no mercado americano fez muito sucesso.

Era uma vez um sucesso que vai se repetir no Brasil.

Era só o que faltava...

E por isso a Scritta Editorial está lançando:

A ERA DA MANIPULAÇÃO

AGUARDE!

WILSON BRYAN KEY
368 PÁGINAS
COM FOTOS
CR\$ 1.570.000,00

SCRITTA
EDITORIAL

RECUEO. Atendendo recomendação do Colégio de Líderes, o deputado Inocêncio de Oliveira, presidente da Câmara dos Deputados, enviou à sanção presidencial, dia 29 de junho, o projeto de lei aprovado pela Câmara que regulamenta o rito sumário para a desapropriação de terras destinadas à reforma agrária. Com este gesto, Inocêncio evitou o jejum em protesto programado pelos deputados do núcleo agrário do PT para o plenário da Câmara. Itamar Franco sancionou a lei do rito sumário dia 07 de julho. A reforma agrária agora tem lei.

LEVIANDADE. Às vésperas do leilão que privatizou a Ultrafértil, o deputado Jaques Wagner (PT-BA) esteve no Palácio do Planalto para discutir com o presidente da República, o ministro do Planejamento, o ministro das Minas e Energia e o presidente da Petrobrás. Para explicar o leilão, Itamar Franco disse que o governo não estava privatizando a Ultrafértil, estava apenas vendendo sua participação acionária minoritária, 30%, naquela empresa. Jaques Wagner contestou e informou ao presidente que o controle do Estado sobre a Ultrafértil era total. Consultados os ministros, verificou-se que ninguém sabia de nada. Só quando foi acionada a assessoria da Petrobrás veio a confirmação: a Ultrafértil era 100% estatal.

MORALIDADE. O deputado Paulo Bernardo (PT-SP), coordenador da bancada do PT na Comissão do Orçamento, marcou um ponto na luta contra o fisiologismo: conseguiu que o deputado João Almeida, relator da Lei de Diretrizes Orçamentárias, acatasse parcialmente uma emenda que propunha o fim das chamadas subvenções sociais. Pelo texto do relator, estas subvenções deixarão de ser aprovadas automaticamente, e terão que ser apresentadas como emendas à proposta de orçamento. Com isso - observa Paulo Bernardo - poderemos evitar a doação de recursos da União para boates ou escolas de luxo, como aconteceu em 1993.

PRIVATIZAÇÕES. A Câmara dos Deputados aprovou o projeto de lei nº 3.719, que aumenta e disciplina a participação do capital externo nas privatizações. A participação deixa de ser limitada a 40% e pode chegar a 100%. O PT votou a favor, mas conseguiu aprovar duas emendas ao texto: a participação do capital estrangeiro tem que ser com moeda forte, eliminam-se as moedas podres. Outra emenda autoriza a conversão das dívidas das estatais para com o FGTS, permitindo assim que os trabalhadores participem, com estes recursos, dos leilões. A esquerda tradicional chiou. Descobriu traição ali onde há apenas discernimento. Permitir que o capital estrangeiro compre apenas 40% das estatais privatizáveis, utilizando moeda podre, significa criar uma reserva de mercado para os cartórios brasileiros, que compram as ações com moeda podre e por preço simbólico. Mas podem perfeitamente vendê-las no dia seguinte, para a multinacional que foi excluída, já que a empresa deixou de ser estatal.

Na metade da noite do dia 13, quando fechávamos esta edição, o governo Itamar Franco, o ministro Fernando Henrique e os esforços de parte das elites para lançar uma "terceira via" à sucessão presidencial sofreram uma derrota política que certamente provocará desgastes de incalculáveis proporções.

Por 207 votos a 139, a Câmara dos Deputados derrubou as alterações que o Senado fizera num projeto já votado anteriormente pela própria Câmara, e que instituiu o reajuste mensal de salários com correção plena da inflação. O governo dizia aceitar no máximo a reposição a cada mês de 60% da inflação, deixando o restante para ser pago apenas a cada quadrimestre.

Apresentado há poucos meses e aprovado pela primeira vez em 26 de junho pelos deputados, o projeto de reposição plena passou a sofrer oposição cerrada do Palácio do Planalto.

Disposto a barrá-lo a qualquer preço no Senado, o Executivo mobilizou pelo menos três ministros: Fernando Henrique Cardoso, Walter Borelli e Antonio Britto. Ao longo de sucessivos encontros com parlamentares, e pronunciamentos na Comissão de Economia do Senado, os três seguiram uma velha tática das forças conservadoras: garantiram que a inflação iria "explodir" se os parlamentares concordassem com o reajuste mensal baseado em 100% da inflação.

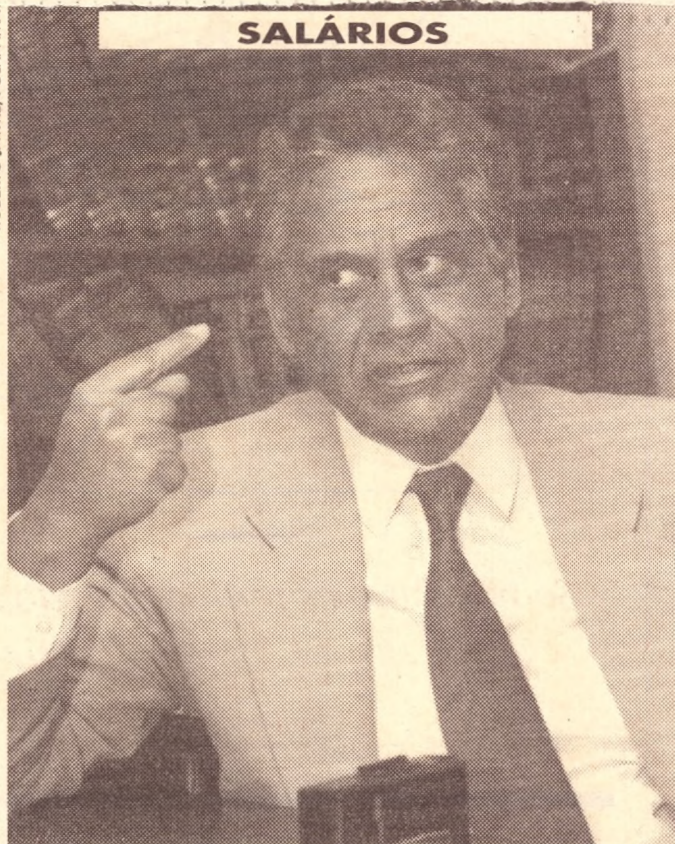
TERRORISMO DE FHC. O ministro Fernando Henrique e a bancada do PSDB no Senado destacaram-se desde o início como os mais inflexíveis. Se o mensal passasse, disse o "príncipe dos sociólogos" num depoimento no dia 6 de julho, o governo seria forçado a adotar "medidas que levam à perda de ativos e ao desemprego". A insensibilidade dos tucanos foi tão grande que eles prejudicaram ostensivamente os esforços dos líderes do governo na Câmara e no Senado para chegar

a um acordo que estabelecesse uma política de salários intermediária. Os setores mais lúcidos do governo compreendiam que sem esse entendimento arriscavam-se a uma derrota acachapante. Desde a primeira votação na Câmara, o ministro da Fazenda tentou impedir que os líderes do governo negociassem este compromisso. Segundo especulações de muitos observadores, preocupou-se demasiadamente em garantir condições ótimas para o choque econômico que - todos sabem -

procura armar. Queria manter a política de sanear as finanças públicas às custas dos salários dos servidores públicos e dos investimentos das estatais.

INTRANSIGÊNCIA TUCANA. Durante a votação no Senado, em 8 de julho, o comportamento do PSDB foi ainda mais grotesco. O partido chegou a rejeitar - e votou contra - a proposta através da qual o líder do governo, Pedro Simon, garantiu o apoio de partidos como o PFL e o PRN. O texto aceito por Simon repunha 60% da inflação, e provocava perdas mé-

ROBERTO JAYME/FOIHA IMAX



Desastre da Terceira Via

A aprovação do reajuste mensal pleno pode ser uma bomba contra FHC

gar a um acordo que estabelecesse uma política de salários intermediária.

Os setores mais lúcidos do governo compreendiam que sem esse entendimento arriscavam-se a uma derrota acachapante.

Desde a primeira votação na Câmara, o ministro da Fazenda tentou impedir que os líderes do governo negociassem este compromisso. Segundo especulações de muitos observadores, preocupou-se demasiadamente em garantir condições ótimas para o choque econômico que - todos sabem -

procura armar. Queria manter a política de sanear as finanças públicas às custas dos salários dos servidores públicos e dos investimentos das estatais.

Durante a votação no Senado, em 8 de julho, o comportamento do PSDB foi ainda mais grotesco. O partido chegou a rejeitar - e votou contra - a proposta através da qual o líder do governo, Pedro Simon, garantiu o apoio de partidos como o PFL e o PRN. O texto aceito por Simon repunha 60% da inflação, e provocava perdas mé-

EDUCAÇÃO

Ou vai ou racha

O projeto de Lei de Diretrizes e Bases provoca iras conservadoras

Os conservadores não perdoam. Sabem que a educação é terreno estratégico para manter a guarda de trânsito nas vias de acesso ao conhecimento - e a ampliação correspondente de horizontes. Foi assim que durante os anos de ditadura militar fizeram recuar os poucos avanços conquistados pelas sucessivas batalhas pela escola pública a partir dos anos 20, empurrando garganta abaixo da população uma violenta privatização do ensino superior e uma desorganização arrasadora do 1º e 2º graus.

PARTICIPAÇÃO NÃO. Agora, aprovado o projeto de Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional na Câmara Federal, indo este ao Senado, a mira conservadora voltou-se para três definições essenciais que ali estão. A primeira é a existência do Fórum Nacional da Educação que, embora de caráter consultivo, terá razoável

peso político na determinação das prioridades quinquenais do setor, com participação da sociedade civil. O segundo alvo é a presença de 50% de representantes de organizações da sociedade civil no Conselho Nacional da Educação, que assim se transforma em órgão de representação e não mais em órgão apenas ao Ministério da Educação.

O terceiro alvo é o princípio da gestão democrática nas escolas. Aqui a batalha é muito curiosa. As forças conservadoras se dividem em ideológicas e pragmáticas. As ideológicas são contra a gestão democrática pura e simplesmente; as pragmáticas, mais afeitas ao lobby das escolas privadas, defendem mais simplesmente que avanços democráticos são admissíveis... nas escolas públicas.

DOIS SISTEMAS, DUAS MEDIDAS. A atual formulação da lei contempla alguns avanços ao lado de problemas graves e até

de aberrações, é bom que se diga. Uma das aberrações é a presença, entre os gastos enumerados como "com educação", do salário de inativos e pensionistas do setor - coisa que pode arrasar com qualquer orçamento. Entre os problemas, um dos mais graves é a manutenção da dualidade de sistemas de ensino introjetada na vida brasileira desde a Constituição de 1937. Ou seja, há uma rede regular, que forma para a cidadania e dirige, pelo menos supostamente, o estudante para a profissionalização no 3º grau. E há outra, chamada de ensino técnico-profissionalizante, que, na verdade, destina-se ao trabalhador e ao filho do trabalhador. Essa dicotomia produziu inúmeros problemas no conjunto do sistema educacional brasileiro, afastando o aluno regular do mundo do trabalho enquanto produtor de conhecimento e afastando o mundo do trabalho e do preparo para ele do

conceito de formação para a cidadania.

Entretanto várias entidades reunidas no Fórum Nacional em Defesa da Escola Pública, entre elas a Central Única dos Trabalhadores, estão se mobilizando e dialogando com congressistas e ministérios para terminar com a dualidade, integrando as instituições de ensino técnico-profissional ao Conselho Nacional de Educação, ouvindo-se, na matéria, o Conselho Nacional do Trabalho. Hoje é consenso entre educadores de muitos matizes que ou se recupera a noção de sistema integrado na educação brasileira ou não sairemos da crise em que estamos mergulhados. Da mesma forma, é consenso que ou se fortalece a democracia nos órgãos dirigentes desse sistema, ou sua gestão continuará girando em torno de interesses de bastidor.

Tamanha intransigência acabou provocando uma derrota mais séria no dia 13, quando o projeto voltou à Câmara. Votaram em peso a favor do governo apenas o PSDB (com seis defecções) e o PPS. O PMDB, o PSB e o PFL se dividiram, e dezenas de deputados desses partidos que eram dados como votos certos do governo ausentaram-se. Contra o Palácio do Planalto, a favor dos trabalhadores, atuaram a esquerda: PT, PDT, PCdoB, PSTU, PV, e a parte minoritária do PSB, mas também a direita (PPR quase unido) e o PP de Álvaro Dias e Joaquim Roriz.

ALTERNATIVAS DRAMÁTICAS. A derrota colocava o governo Itamar Franco, e os partidos que respaldaram seu arrocho, numa situação delicadíssima. Se o presidente vetasse a nova política de salários, iria sofrer um desgaste ainda mais devastador junto aos trabalhadores: a terceira via correria o risco de inviabilizar-se antes de nascer. Se Itamar não vetasse a lei, haveria enormes chances de indispor-se tanto com os credores externos e o FMI - com quem continua buscando um entendimento. Além disso, a parte das elites que aposta na terceira via poderia sentir-se traída por Fernando Henrique.

Paradoxalmente, a situação inteiramente nova aberta com a votação poderia levar Fernando Henrique a precipitar a amarração de um pacote que na prática desfizesse a política salarial obtida pelos trabalhadores. Nesse caso, o risco seria de decretar o pacote antes de satisfazer as condições de que o governo precisa para executá-lo com êxito.

ANTÔNIO MARTINS

TRISTÃO DA CUNHA

CONTRA OS PRIVILÉGIOS

O cenário político catarinense foi movimentado, nas últimas semanas, pelas propostas da bancada estadual do PT - integrada pelos deputados Wilson Santin, Milton Mendes de Oliveira e Idelvino Furlanetto - para acabar com os privilégios dos parlamentares e o assistencialismo na Assembléia Legislativa. Entre as medidas, está a decisão de não receber a indenização para uso de carro próprio. No mês passado, foram destinados Cr\$ 76 milhões - 2,5 milhões por dia - para cada deputado, a título de auxílio combustível, já que a Assembléia de Santa Catarina não dispõe de carros para o trabalho dos gabinetes. O PT questiona a legalidade dessa verba e o assunto já passou pelas mãos do procurador-geral da República. Apesar de enfrentar ataques raivosos de quase todas as bancadas, por causa das medidas de moralização do Parlamento, os deputados do PT têm obtido o apoio da população do estado.

A MARATONA DO PT

Até o final do ano, o PT catarinense vai passar pelos 170 municípios onde está organizado, com um grupo de dirigentes estaduais, regionais, deputados, vereadores e vice-prefeitos. O roteiro inclui outros municípios. O partido quer ampliar sua atuação no estado a partir dessa verdadeira maratona, que iniciou sua primeira etapa no dia 14 de julho. No dia 23 de julho, data prevista para o término da primeira viagem, terão sido percorridos 59 municípios, de cinco micro-regiões do oeste de Santa Catarina. Divididos em duas equipes, os petistas debatem as deliberações do 9º Encontro Estadual, do 8º Encontro Nacional, as eleições de 94, a atuação do partido nas câmaras e administrações, além de questões internas como organização, finanças, formação política e comunicação.

IBOPE: CRITÉRIOS CONTRADITÓRIOS

O jornal *Diário Catarinense* divulgou dia 9 de julho pesquisa sobre as eleições estaduais de 1994, realizada pelo Ibope entre os dias 23 e 28 de junho. Na disputa para o governo do estado, Esperidião Amin, do PPR, saiu na frente com 52%. Paulo Afonso Vieira, do PMDB, recebeu 13%. Dirceu Carneiro, do PSDB, foi indicado por 6% dos pesquisados. Nelson Wedekim, do PDT, recebeu 5%. O PT não aparece na pesquisa porque o Ibope apresentou aos entrevistados o nome de Eurides Mescoloto, que não é candidato, omitindo o nome dos três pré-candidatos indicados pelo 9º Encontro Estadual do PT catarinense: os deputados estaduais Wilson Santin e Milton Mendes de Oliveira, e o vice-prefeito de Florianópolis, Afrânio Boppré.

BRASÍLIA VERMELHA?

Pesquisa realizada pelo Instituto MSC e divulgada pelo *Jornal de Brasília*, entre 600 pessoas, de 16 a 70 anos, de todas as classes sociais, indicou o PT como o partido político preferido por 26,3% dos entrevistados. O segundo lugar ficou com o PMDB (15%). Já o PP do governador Joaquim Roriz é o preferido de apenas 0,3% dos entrevistados. Entre os eleitores de 16 a 24 anos, a preferência pelo PT cresce para 36,8%.

TRÊS ALTERNATIVAS

Outra pesquisa realizada em Brasília, desta vez pelo Instituto WHO, indica que, entre os 12 nomes citados pelos brasilienses para o governo do Distrito Federal, três são do PT: Pedro Celso, Chico Vigilante e Cristóvam Buarque.



A C O N T E C E NOS ESTADOS

TELMA OU DIRCEU?

A Executiva Estadual do PT paulista definiu o dia 7 de agosto como prazo limite para as inscrições e indicações dos pré-candidatos que concorrerão à prévia marcada para outubro, quando se decidirá quem disputará a sucessão do governador Fleury. Até o momento, estão no páreo Telma de Souza, ex-prefeita de Santos, e José Dirceu, deputado federal.

TEMER OU PALMEIRA?

Ainda não está definida a data da prévia que decidirá o candidato do PT carioca à sucessão de Leonel Brizola. Mas desde já pleiteiam a indicação o jornalista Milton Temer e o deputado federal Wladimir Palmeira.

UNIÃO... COM MALUF?

Nas terras de Sarney, o quadro sucessório continua indefinido. Pelo PFL, articula-se a candidatura da deputada federal Roseane Sarney para o governo do estado. Jackson Lago deve sair candidato pelas forças da União da Ilha, que venceu as eleições municipais de 1992. O obstáculo para o PT participar dessa frente, que reuniria PPS, PCdoB, PDT e



PSB, está na tentativa, feita por setores da União da Ilha, de atrair, para uma aliança anti-Sarney, dois próceres do malufismo: o senador Epitácio Cafeteira (PDC) e João Castelo. Caso esta aproximação dê certo, o PT deve disputar sozinho as eleições. Em qualquer caso, o deputado federal Haroldo Sabóia já lançou sua candidatura ao Senado.

HÉLIO E OS EUROBÔNUS

O governador mineiro está se

preparando para a sucessão estadual. No dia 23 de junho, apesar das resistências do PT e dos eletricitários, 67 dos 77 deputados estaduais aprovaram um projeto que criou o eurobônus, que pode ser convertido em ações ordinárias da Cemig. Com este instrumento, Hélio Garcia pretende captar 200 milhões de dólares na Europa, o que equivale a 51% do valor da empresa estatal. Garcia diz que usará esta soma para investimentos no plano plurianual, mas não específica onde, como ou quando fará isto. Por essa razão, o PT e as lideranças dos eletricitários suspeitam que seu objetivo principal é vender a Cemig a preço de banana. Com isto ele mata dois coelhos numa cajadada só: reduz o poder do estado na empresa e, com a venda dos bônus, faz obras e recolhe recursos para as sucessões estadual e federal.

RUMO AO PMDB

O secretário dos Transportes do Espírito Santo, Teodorico Ferraço, é o nome de Albuino Azeredo para a sua sucessão. Ele está acumulando o cargo de diretor do DER do Espírito Santo, ocupado até 8 de julho por José Artur Bernardes, exonerado do cargo por suas ligações com o ex-governador Max Mauro, que novamente é candidato ao governo do estado. Especula-se que Max Mauro deve abandonar o PDT e, junto com três deputados pedetistas, seguir para o PMDB. Adelson Salvador, do PSDB, deve seguir o mesmo caminho de Max Mauro. Outro que está namorando o PMDB é Gerson Camata, do PDC. A expectativa do PT é que este quadro favoreça a atração dos setores progressistas para a candidatura de Vitor Buaiz.

QUADRO DIFÍCIL

Hélio Gueiros, prefeito de Belém e ex-governador do Pará, deve disputar a sucessão de Jäder Barbalho. Este, que não pode pleitear a reeleição, terá que optar entre apoiar um nome fraco - como o atual ministro Coutinho Jorge - ou aliar-se à família Passarinho (PDS). As lideranças de esquerda e centro-esquerda enfrentam uma situação difícil. Algumas estão sendo disputadas por Hélio Gueiros, em nome de uma aliança anti-Jäder. Outras, como o PCdoB, são próximas de Jäder Barbalho. Almir Gabriel, do PSDB, deve disputar o Senado. Ademir Andrade, do PSB, já está articulando sua candidatura à Câmara Federal. Enquanto isso, o PT se esforça por construir uma coligação de oposição aos blocos conservadores.

HAMILTON GARCIA E VALTER POMAR

Colaboraram: Linete Martins e Cláudio Schuster (Santa Catarina); *Jornal do PT na Câmara Legislativa do DF*; *Jornal do deputado distrital Pedro Celso*

SEJA REPRESENTANTE DO BRASIL AGORA

O jornal Brasil Agora, em fase de expansão, procura vendedores com alguma experiência para atuação nas capitais e interior dos estados. Possibilidade de bons ganhos. O jornal garante apoio operacional. Procure o coordenador do seu estado.

MG	Antonio Borges	(031)222.3735
NORDESTE	José Vital	(085)252.1992
PA	José Maria	(091)224.8579
RJ	Paulo Soldano	(021)242.0793
RS	Moisés Balestro	(051)221.7733
SP E OUTROS	Éder/Odette	(0800)11.1300

O NOME DA BOMBA É PC

Para não cair sozinho, PC ameaça envolver grandes empresários e políticos conservadores.

Haverá coragem para enfrentá-lo?

Há um esqueleto movendo-se dentro dos armários da política brasileira. Acuado pelo prosseguimento do inquérito judicial que investiga o Collorgate - e é conduzido de maneira ao menos estranha pelo Supremo Tribunal Federal (STF) - e perseguido em seguida por uma ação espetacular da Receita Federal contra os sonegadores, o empresário Paulo César Farias lançou um repto aos que querem transformá-lo num bode expiatório da República. Ele não cairá sozinho, tem garantido nos recados seguidos que emite através de seus advogados, seu irmão, sua esposa.

Transformada nos últimos dias em torvelinho das paixões nacionais, a série de episódios relacionados com PC tem uma origem que não foi convincentemente esclarecida. Em 21 de junho, o Supremo Tribunal Federal deu seqüência à série de interrogatórios sobre o "esquema PC-Collor", e inquiriu o próprio Paulo César Farias, tesoureiro do presidente deposto.

Pouco destacado na ocasião, o depoimento continha no entanto uma impressionante sucessão de fatos novos. Pela primeira vez, o ex-tesoureiro de Collor contestava abertamente declarações feitas poucos dias antes pelo presidente deposto. Desmentia a "Operação Uruguai", através da qual Collor procurara explicar os vultuosíssimos gastos com reformas na "Casa da Dinda" e outras mordomias.

Paulo César reconhecia, em lugar disso, que o dinheiro através do qual fora possível tocar a campanha eleitoral que derrotou Lula - em 1989 - e a que elegeram um Congresso Nacional notoriamente conservador - no ano seguinte - havia sido arrecadado através de "caixinhas" destinadas a interferir no resultado das eleições. Tais armações, garantia, eram coordenadas por ele próprio, mas envolviam como financiadores a maior parte dos grandes grupos econômicos nacionais e estrangeiros que atuam no país e, como beneficiários, os integrantes de uma longa relação de políticos conservadores.

OS COMPARSAS. "Estou de alma lavada", diria PC pouco após depor. Ao pronunciar-se perante o STF, ele contou com riqueza de detalhes que financiou, entre outras, as campanhas dos governadores Joaquim Francisco (PR) e Geraldo Bulhões (AL), e que para tanto recebeu propinas dos grupos Votorantim, Sharp e Credicard, das construtoras Norberto Odebrecht, Andrade Gutierrez e Cetenco, das multinacionais Mercedes Benz, Rhodia e Bunge y Born. "Tudo será provado", acrescentou a um repórter da Folha.

Uma dos símbolos da caça a Collor, PC e seus cúmplices, o procurador-geral da República, Aristides Junqueira, iria comemorar com entusiasmo o depoimento no dia seguinte. "Foi excelente para a acusação", disse ele ao revelar que as declarações caracterizavam os crimes de corrupção passiva e formação de quadrilha, com base nos quais havia pedido anteriormente a prisão preventiva de PC, negada pelo STF.

Um dia depois, no entanto, surgiriam os primeiros sinais de dificuldades. Um ex-ministro do STF e um procurador da República, citados mas não identificados pelo Estadão, destacaram que o ministro Ilmar Galvão, relator do caso no Supremo, tardava em remeter à Procuradoria Geral da República a transcrição do depoimento prestado por PC. O ex-

ministro, em especial, lembrava que o Código Penal tornava obrigatório o ato, ao estabelecer em seu artigo 40 que "é dever do juiz remeter os indícios de crime ao Ministério Público". Já o procurador opinava que a remessa era essencial para que a procuradoria denunciasse PC tanto por corrupção passiva quanto por violação da Lei Orgânica dos Partidos, que proíbe as pessoas jurídicas de fazer "doações" a campanhas políticas.

O STF, que já havia negado duas vezes pedido de prisão preventiva contra PC, continuou imóvel. Coube ao juiz Pedro Paulo Castello Branco, da 10a. Vara da Justiça Federal de Brasília, atender ao pedido do secretário da Receita Federal, Osires Lopes Filho, e do Ministério Público, e transformar o tão sonhado encarceramento do tesoureiro de Collor numa hipótese real. No dia 28 de junho, PC passou a ser perseguido pela Polícia Federal por sonegação de impostos. O fato transformou-se em assunto imbatível nas atenções da opinião pública e nas manchetes dos jornais. A fuga derrubou a cúpula da PF, abriu uma crise inédita na instituição (os policiais haviam programado uma greve para o dia 15 de julho), balançou o ministro da Justiça e ameaçava provocar conseqüências políticas ainda mais graves.

Independente da boa intenção dos procuradores, do secretário da Receita e do juiz Castello Bran-

co, a prisão de PC por sonegação é limitada. Trata-se do crime mais brando entre a extensa série de delitos cometidos pelo tesoureiro de Collor: as penas vão somente de dois a cinco anos. É também o único em que ele pode ser enquadado sem que sejam implicados os grandes empresários e os políticos que participaram de seu esquema.

O BODE. Sem a colaboração do STF e o indiciamento nos crimes mais graves, restava, no entanto, saber se o empresário alagoano concordava em representar o ingrato papel de bode expiatório das culpas nacionais. A partir de 1º de julho, PC começou a demonstrar que não. Criou para isso uma série de fatos políticos.

O primeiro deles foi a prisão do empresário argentino - e seu auxiliar - Jorge La Salvia, interrogado por algumas horas pela Polícia Federal de São Paulo, e de quem foram apreendidas três agendas repletas de anotações. Elas tinham algo em comum: registravam cerca de dois mil contatos com empresários e políticos de direita, como revelou poucos dias depois o delegado da PF João Carlos Abraços. Entre os implicados estavam o prefeito de São Paulo, Paulo Maluf, e o ex-governador do estado, Orestes Quércia.

A prisão de La Salvia, percebeu logo o jornalista Jânio de Freitas, havia sido feita em condições especialíssimas, e sugeria claramente a hipótese de autorenúncia. O argentino chegara de Buenos Aires num avião de PC, e na data exata em que se esperava a decretação de prisão preventiva contra seu chefe.

Outros sinais de que PC buscava assegurar a própria impunidade envolvendo outros "peixes graúdos" não tardaram a surgir. No dia 5 a própria esposa do empresário, dona Elma, diria que seu marido "é o arquivo vivo" da história recente do país, e que "muita gente grande, entre empresários e políticos", teme seu depoimento - e por isso trama sua morte, chegou a especular.

PC fez questão de demonstrar, durante toda a série de episódios, que seu objetivo essencial não era promover um banho de moralidade na política brasileira - e sim buscar o acordo menos desvantajoso possível, ainda que isso implicasse renúncia.

Em 5 de julho o presidente Itamar Franco disse, bombasticamente, que "ministro meu não negocia com foragidos" - e interrompeu os entendimentos públicos entre as partes, Ministro Maurício Correa e o irmão de PC. Haveria, no entanto, sinceridade em suas palavras? Estariam o chefe do governo - ou o próprio Judiciário - dispostos a não desperdiçar o enorme conjunto de provas que os fatos colocavam em suas mãos, e a promover no Brasil uma espécie de Operação Mãos Limpas, como a que está sendo desenvolvida na Itália.

Não havia, até o dia 13, sinais afirmativos a este respeito. Pelo contrário. Cinco dias antes, os jornais informavam com pouco destaque que dois dos implicados que melhor representam a rede de interesses que se armou em torno do "esquema PC" - o Grupo Odebrecht e o ex-secretário-particular de Collor, Cláudio Vieira - procuravam a Receita Federal para pagar algumas multas, trocando a condição de sonegadores pela de simples devedores. Outro crime parecia prestes a conquistar a impunidade.

ANTONIO MARTINS

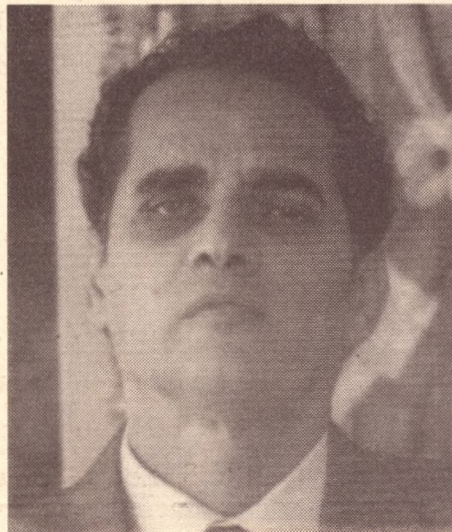
Augusto Farias, Cláudio Humberto, Geraldo Bulhões e Cláudio Vieira: assim como os empresários, eles ficarão impunes?



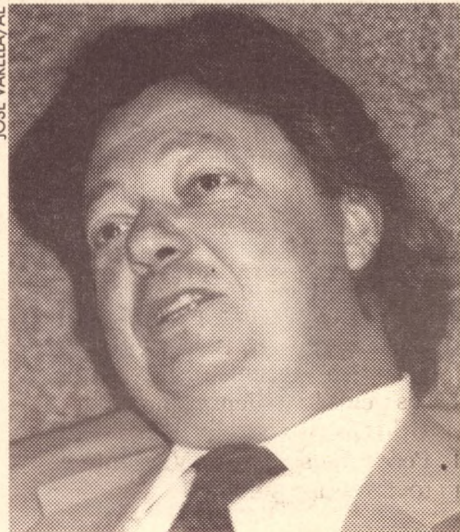
ANDRÉ DUSEK/AE



PROTÁSIO NENE/AE



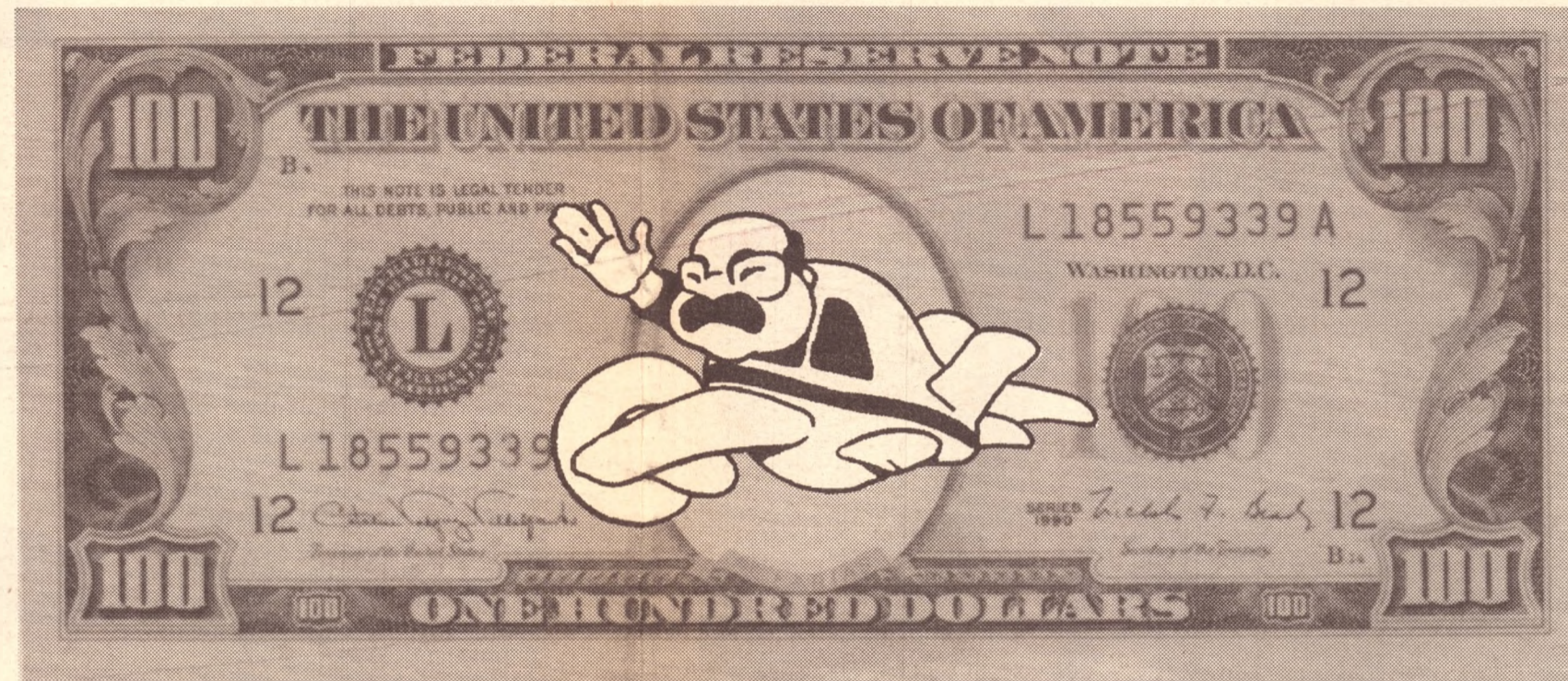
PROTÁSIO NENE/AE



JOSÉ VARELA/AE

CADEIA PARA QUEM PRECISA DE CADEIA

Pesos-pesados da indústria, testas-de-ferro, políticos - mais de cem pessoas estão relacionadas nos 34 inquéritos abertos pela PF até o começo de julho, sobre o esquema PC/Collor. Alguns já estão no STF, mas até agora nada aconteceu. Aliás, aconteceu: o STF já negou duas vezes a prisão preventiva de PC Farias. Ele e seus comparsas tiveram suas prisões preventivas decretadas, mas pelo crime mais brando - sonegação de impostos. Ao STF tem faltado grandeza para entender que o Brasil não pode mais conviver com a impunidade dos poderosos. Como na Itália, onde a chamada Operação Mãos Limpas já levou para a cadeia centenas de figurões o Brasil precisa de justiça. Ou de cadeia.



O DESTINO DE ALGUNS FIGURÕES

Caso o julgamento dos processos em que estão citados os considerados culpados, eis as penas que alguns dos figurões envolvidos no esquema PC-Collor receberiam. Junto, o crime por que seriam condenados. Em alguns casos as pessoas envolvidas são ilustres desconhecidos, e as empresas, conhecidíssimas, como no caso da Norberto Odebrecht (inquérito 016/93).

1. Zélia Cardoso de Mello (inquérito 257/92)
Acusação: corrupção passiva (solicitar ou receber vantagem indevida, para

si ou para outrem).
Pena: reclusão de um a oito anos e multa. A pena é aumentada de um terço se o funcionário deixa de praticar ato de ofício devido à infração.

2. José Ermirio de Moraes Filho (inquérito 009/93, envolvendo a Votorantim)
Acusação: corrupção ativa (oferecer ou prometer vantagem indevida a funcionário público).
Pena: reclusão de um a oito anos e multa. Também vale o agravamento da pena como no caso de corrupção passiva.

3. José Mauricio Bicalho Dias (inquérito 010/93, envolvendo a construtora Andrade Gutierrez)
Acusação: simulação de duplicata (expedida ou aceita) e falsificação ideológica.
Pena: há várias possibilidades, depen-

dendo do envolvimento real do acusado, e dos atenuantes e agravantes. De um modo geral a pena pode ser de reclusão, de um a cinco anos, com pagamento de multa equivalente a vinte por cento sobre o valor da duplicata.

4. Raimundo da Hora Gonçalves (inquérito 016/93, envolvendo a Construtora Norbreto Odebrecht/Servia).
Acusação: falsidade ideológica.
Pena: reclusão de um a cinco anos.

5. Almir Rodrigues Sales (inquérito 019/93, envolvendo a Cia. Credicard)
Acusação: simulação de duplicata (expedida ou aceita).
Pena: de um a cinco anos e multa de vinte por cento sobre o valor da duplicata, com possibilidade de agravantes e atenuantes, como no caso da Andrade

Gutierrez.
6. Antonio Carlos Alves dos Santos (inquérito 020/92, envolvendo a Central de Medicamentos)
Acusação: prevaricação e condescendência criminosa.
Pena: detenção de um a três meses e multa.

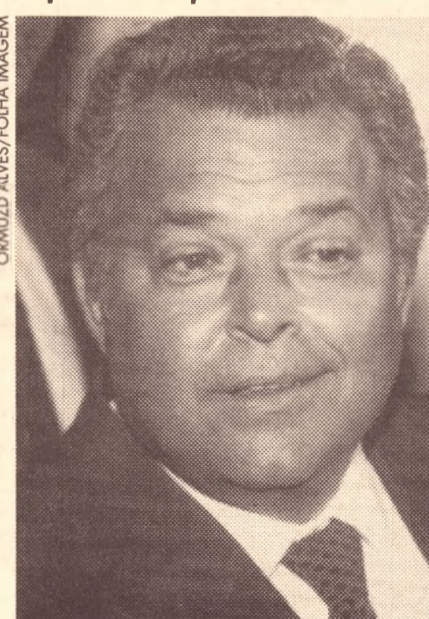
7. Cecilio do Rego Almeida (inquérito 021/93, envolvendo a OAS/CRALmeida)
Acusação: corrupção ativa.
Pena: reclusão de um a 8 anos e multa.

8. Luis Gonzaga Dias (inquérito 118/93, envolvendo a Tintas Coral S/A e a Fábrica de Tecidos Tatuapé S/A).
Acusação: estelionato, falsidade ideológica e uso de documento falso.
Pena: reclusão de um a cinco anos e multa.

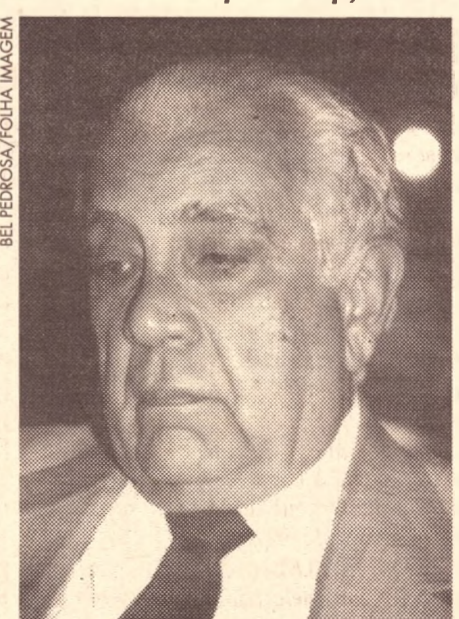
Zélia, sujeita a pena de um a oito anos por corrupção passiva



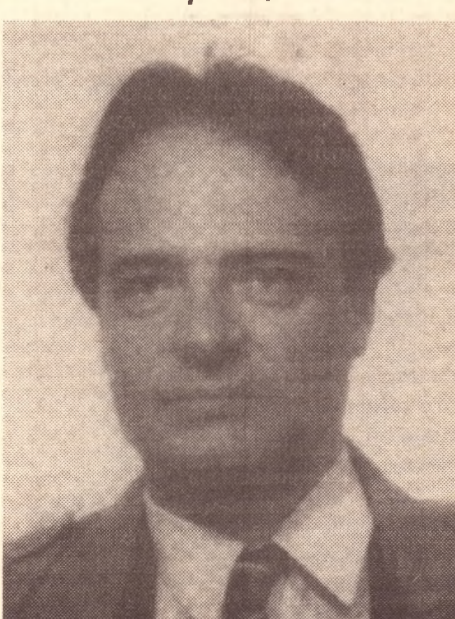
Odebrecht: ele é o dono da empresa, mas quem aparece nos inquéritos é o pau mandado



José Ermirio pode pegar um a oito anos de reclusão por corrupção ativa



Guy de Longchamps: testa de ferro francês da dupla PC/Collor



No dia 13 de julho alguns dos principais jornais diários do país destacaram em manchete o que consideravam uma grave ameaça à instabilidade das instituições nacionais. A crise que levará à insubordinação de boa parte dos principais comandantes da Polícia Federal, diziam eles, poderia ter um efeito colateral de consequências devastadoras.

Um grupo de agentes e delegados estava disposto a lançar contra autoridades que haviam conservado seus postos no governo Itamar uma campanha de denúncias e averiguações semelhante à desfechada contra os principais expoentes do governo Collor. A iniciativa era parte do que a Folha de S.Paulo chamou dias antes da instalação de "um ninho de sindicalismo" numa das instituições mais estáveis da República: a própria PF.

AMOSTRA. Entre as revelações indesejáveis que a ousadia policial poderia provocar, alertavam os jornais, havia algo de muito especial. Eram os 30 inquéritos abertos pelo delegado Paulo Lacerda no âmbito das investigações do "Esquema PC". A importância dos do-

culos, sobre as atividades de PC e seus cúmplices ativos ou passivos. Mesmo os órgãos de comunicação que o chamavam de "incendiário" não ousavam pôr em questão a qualidade das diligências efetuadas pelo delegado Paulo Lacerda ao longo de mais de um ano.

O mais impressionante, no entanto, eram as revelações contidas na sinopse preparada pela PF, por exemplo. Dela constava, preto no branco e em letra de forma, a informação segundo a qual "a rede espúria criada (por PC) com a finalidade de locupletação ilícita acabou por envolver altos funcionários públicos federais, importantes empresários, industriais, comerciantes e particulares, num quadro de continuada prática de delitos de concussão, corrupção, exploração de prestígio, advocacia administrativa, formação de quadrilha e outros crimes".

DUPLA DINÂMICA. Não eram acusações vãs. O documento dava nomes aos bois - e o primeiro nomeado era o próprio ex-presidente Fernando Collor, que tem se esforçado ao longo de seus últimos depoimentos para aparentar distância de PC. "Com efeito", diz o documento da PF, "o primeiro inquérito é exatamente o que diz respeito ao presidente Fernando Afonso Collor de Melo, cujo procedimento foi concluído e submetido ao colendo Supremo Tribunal Federal em 6.10.92 com pedido de prisão preventiva e de seqüestro de bens".

Outra alta autoridade envolvida era a ex-ministra Zélia Cardoso de Mello, que segundo o texto obtido por Brasil Agora é acusada pela Polícia Federal de praticar "favorecimento ao chamado esquema PC" e está "indiciada por crime de corrupção passiva".

Collor e Zélia tornaram-se, nos últimos meses, figuras estigmatizadas. O dossiê da Polícia Federal, no entanto, não se limita a apontar a responsabilidade deles. Pouco adiante, diz: "Além destes, foram abertos ainda mais trinta inquéritos policiais autônomos, destinados a apurar a ação delituosa da quadrilha de Paulo César Farias no âmbito da administração pública federal, com vínculos espúrios em órgãos, entidades públicas e grupos empresariais" (o grifo é nosso).

O dossiê passa então a relacionar cada um dos inquéritos. Como se trata de apenas uma sinopse, o conteúdo é muitas vezes formal. A leitura dos autos policiais, em especial dos depoimentos dos indiciados, forneceria provavelmente, como têm lembrado os familiares de PC, "um arquivo da história brasileira nos últimos anos".

Os resumos, no entanto, já são suficientes para revelar o esqueleto da ampla rede de tráfico de influências montada por PC com a cumplicidade e a participação dos principais grupos econômicos que atuam no país.

OS EMPRESÁRIOS. Um dos citados com destaque é o próprio Grupo Votorantim - o maior conglomerado privado do país. A Polícia Federal sentiu necessidade de montar inquérito específico

para investigar os pagamentos feitos por uma das empresas-fantasma de PC - a EPC - ao grupo, "mediante a emissão de notas fiscais relativas a serviços que não foram efetivamente prestados".

Como se recorda, o empresário Paulo César Farias alimentou as "caixinhas" eleitorais que financiaram a campanha de Collor contra Lula - e em seguida a eleição de um Congresso Nacional ultraconservador - através de "doações" de grandes grupos econômicos. Após a posse de Collor, os doadores eram em geral favorecidos em seus negócios com o governo.

Para legalizar as "doações" - já que a legislação eleitoral brasileira proíbe a constituição de caixinhas - a EPC, a Brasil Jet, o Rodonal e outras empresas forneciam notas frias, que alegadamente comprovavam pagamento a serviços prestados. As investigações efetuadas pela PF demonstram precisamente que tais serviços são fictícios, o que pode caracterizar a corrupção ativa e a formação de quadrilha mencionadas pelo documento da Polícia Federal.

Embora a Votorantim seja o principal conglomerado envolvido, muitos outros aparecem numa simples leitura rápida da sinopse. Entre eles, a Mercedes Benz do Brasil, a White Martins, a Rhodia, a Copersucar/IBF, a Tintas Coral, a Sharp, a SID Informática, a Líder Taxi Aéreo, a Construtora OAS, a Construtora Norberto Odebrecht, a Credicard, e uma série de "produtores de cana-de-açúcar e de álcool" agrupados num único inquérito.

OUTRAS FIGURINHAS. O documento fala ainda de uma suspeitíssima série de movimentações realizadas por vários doleiros e proprietários de agências de turismo, entre eles Jorge Luis Conceição, Jorge La Salvia e Celedônio Espindola Figueiredo. Todas estas operações denotam "vultosas operações no mercado financeiro paralelo, com negócios envolvendo expressiva quantidade de pessoas naturais e jurídicas", cujos nomes ainda não aparecem nos resumos.

Diante de um volume tão impressionante de denúncias, que salta aos olhos mesmo através da leitura de uma sinopse, cabe perguntar: por que os fatos ainda não chegaram ao conhecimento da sociedade brasileira? O volume de informações arroladas não seria suficiente ao menos para promover o indiciamento - e se possível a prisão preventiva - dos principais empresários implicados? O país é obrigado a contentar-se com a história de faz de conta segundo a qual PC Farias montou sozinho uma enorme rede de corrupção e tráfico de influências que influiu no resultado de seguidos pleitos nacionais?

Em determinado trecho, o documento da Polícia Federal garante que dos trinta e dois inquéritos policiais abertos "catorze foram concluídos, estando atualmente sob análise do Ministério Público Federal". Os outros deverão ser encerrados nos próximos meses. Haverá, porém, disposição política para as apurações?

CRISE É BOA PARA A PF

Decretada a prisão preventiva de PC, Rosinete Melanias, Jorge Bandeira e Ricardo Campos, e suas fugas - só Rosinete, dias depois, se entregou -, foi aberta uma crise sem precedentes na história da Polícia Federal.

Na polêmica aberta para se saber qual foi e quem cometeu a falha, que permitiu a fuga, o secretário nacional, João Campelo e o diretor da Polícia Federal, Amauri Galdino, trocaram acusações. Enquanto Galdino acusava Campelo de estar há tempos afastado da polícia, este dizia em alto e bom som que o primeiro não tinha um plano para prender PC. Dias depois ambos estavam demitidos e o ministro intranquilo diante das dificuldades para indicar um novo diretor do órgão.

O ministro Maurício Corrêa, da Justiça, convidou o delegado Paulo Lacerda, que

se destacou nas investigações do caso PC, para o cargo. Ele não aceitou. Um dia depois apresentou um plano de carreira e reivindicou verbas, que chegaram ao volume de 4 trilhões de cruzeiros, para a Polícia Federal.

Itamar Franco, então, decidiu indicar o coronel Wilson Romão, antigo secretário de Segurança do Pará, que já integrou o SNI, para dirigir o órgão. A indicação de um militar para dirigi-los gerou revolta entre os policiais. Em defesa de um diretos egresso de cargos de carreira, 13 dos 20 superintendentes e 262 delegados de alto escalão já haviam pedido exoneração até o dia 12. Também, reunidos em assembleia, sindicatos de 18 estados marcaram para o dia 15 a realização de uma assembleia nacional para decretar uma greve geral da PF. O presidente da Federação Nacional dos Poli-

ciais Federais, Francisco Carlos Garisto, além de reivindicações salariais que chegam a 500%, fortaleceu a reivindicação do delegado e denunciou: a falta de estrutura da Polícia Federal, mais que qualquer coisa, pode se tornar a principal responsável pelas dificuldades para a prisão de PC.

Segundo ele falta tudo, gasolina, recursos, papel, gente. "É difícil trabalhar", diz. Na verdade, a crise, entre outras coisas, dará um novo contorno à imagem da PF que, se até uma década atrás se notabilizava pela fama granjeada durante a ditadura, de eficiente instrumento para repressão política, por último se destacava como órgão atuando em defesa da sociedade civil, combatendo crimes como contrabando, tráfico de drogas, fraude contra a Previdência, sonegação fiscal, evasão de divisas e contrabando.

HAMILTON CARDOSO

PCdoB elege o novo presidente

A entidade fará oposição a Itamar, mas não terá eleições diretas.

Uma chapa liderada pelo PCdoB, integrada também pelo MR-8 e que apresentou como candidato a presidente o estudante Fernando de Gusmão, venceu com 51% dos votos as eleições para a nova diretoria da UNE, realizada ao final do 43º Congresso da entidade, encerrado na madrugada do dia 5. Em segundo lugar ficou a chapa "Mude", de oposição, composta pelo PT e PSTU. Composta de forma proporcional, a nova diretoria terá 23 integrantes da frente PCdoB/MR-8, 17 do "Mude", dois independentes e um da "Causa Operária".

Do ponto de vista político, o 43º Congresso trouxe novidades. Recuando da posição que defendeu ao longo da atual gestão, o PCdoB apresentou resolução que abandona a "independência" em relação ao governo Itamar e propôs que a UNE lhe faça "oposição". A nova postura foi aprovada.

Os delegados também votaram, unanimemente, em favor de um plano de lutas que prevê nova greve nacional dos estudantes, boicote unificado das mensalidades nas escolas públicas e comando nacional e regionais de mobilização.

O ponto mais polêmico foi a forma de eleição da diretoria. A tese de diretas para a UNE foi derrotada por cerca de 400 votos, num congresso de pouco mais de 2 mil delegados. Integrantes do "Mude" acusam o ex-presidente da UNE, Lindberg Farias, de ter proposto inversão de pauta e decidido a questão num momento em que a correlação de forças lhe era favorável. Dizem que de outra forma a diferença de votos seria menor.

A.M.



Militantes do PT e do PCdoB enfrentam-se num dos muitos momentos de polêmica

O SOM NA MEDIDA DE SUA NECESSIDADE

A **DISKSOM** produz equipamentos de qualidade para serem usados em qualquer ambiente, parado ou em movimento. O funcionamento é muito simples, funciona com a bateria do carro e você investe pouco e uma vez só.

GARANTIA DE 180 DIAS

ASSISTÊNCIA TÉCNICA
GARANTIDA

DESENVOLVEMOS
PROJETOS E MONTAGENS
ESPECIAIS PARA ÔNIBUS,
CAMINHÕES COM VÍDEO
E AUDITÓRIO.



KOMBÃO

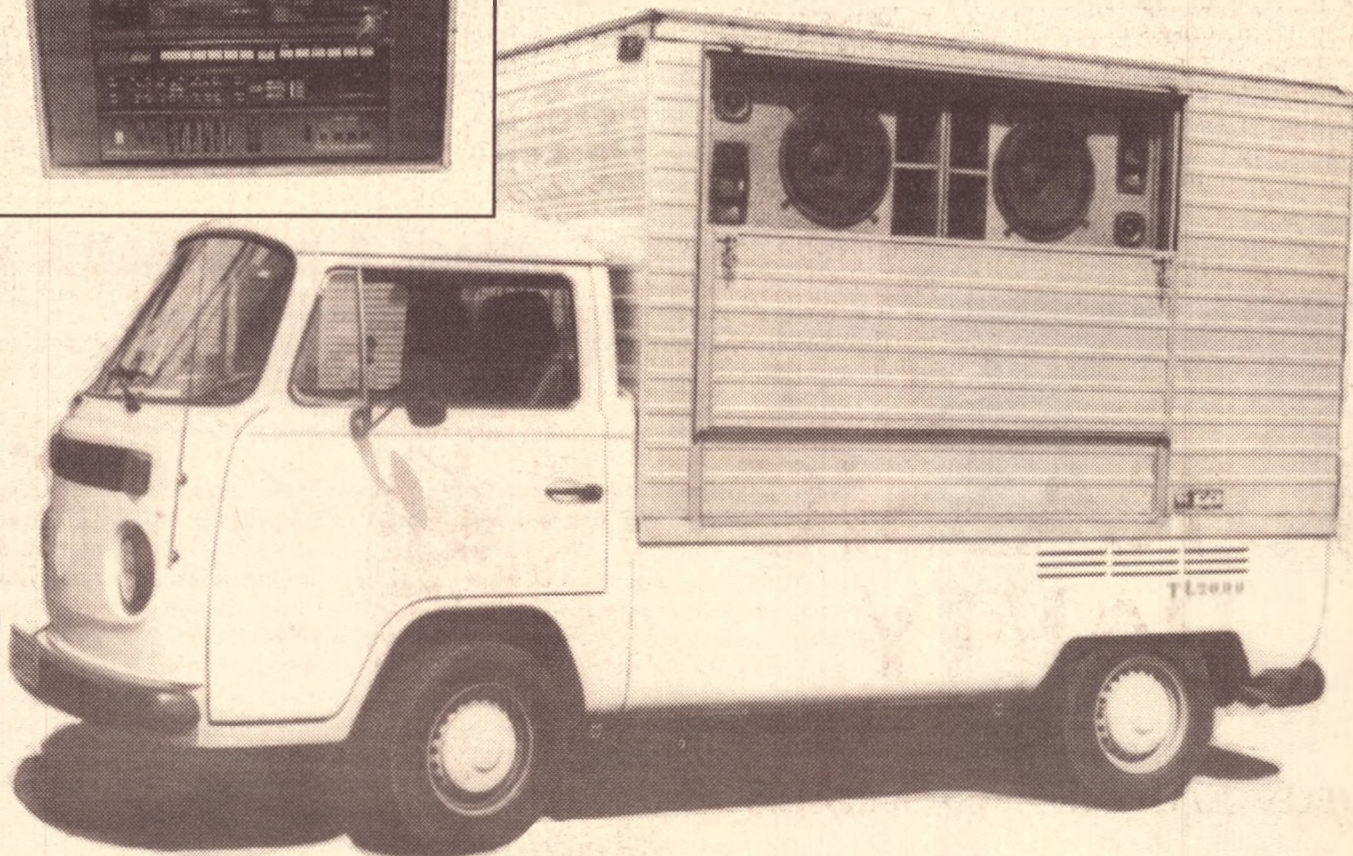
1.450 WATS DE POTÊNCIA. GABINETE MESA, DUPLO DECK, MICROFONE, 6 CAIXAS PROFISSIONAIS, CONVERSOR COM PALANQUE OPCIONAL. UTILIZA BATERIA. POSSIBILIDADE DE UTILIZAR GABINETE PARA SONORIZAR AUDITÓRIOS

CONVERSE CONOSCO

VADO OU VANESSA
FONE (011) 34.7244

DISK SOM

COMÉRCIO E MANUTENÇÃO



RUA SILVEIRA MARTINS, 12 - CENTRO, PRÓXIMO À PRAÇA DA SÉ - SÃO PAULO/SP - FAX (011) 35.0717

CUT defende posição da CIOSL

Dirigentes da central respondem artigo sobre condenação do regime cubano

GREVE NOS BANCOS. Aconteceu dias 10 e 11 de julho, no Rio de Janeiro, o Encontro Nacional dos Bancários. Por unanimidade, os bancários decidiram dar o prazo de 21 de agosto para que lhes seja garantido o reajuste mensal com o índice integral da inflação; caso contrário, a categoria vai à greve. Nesta data eles realizarão um novo encontro nacional. Além desta decisão, foram definidos os três eixos gerais da campanha salarial nacional, agrupados em torno da idéia geral que diz: "Os bancos deste país têm uma dívida com você". A campanha tratará da democracia nos bancos, das reivindicações salariais e da relação dos bancos com a sociedade. De 9 a 13 de agosto, será realizado um Plebiscito Nacional, quando toda a categoria opinará sobre as questões levantadas.

ENCONTRO REPRESENTATIVO. A representatividade do encontro foi grande. Estiveram presentes 276 delegados, de 90 entidades de 20 estados diferentes. A Confederação Nacional dos Bancários, ligada à CUT, coordenou o encontro. Até aqui, é bom que se diga, os bancários parecem estar na linha de frente da luta pelo reajuste mensal integral, enquanto muitos ficam apenas na espera do que vai dar na votação do Congresso.

UNIFICAÇÃO NO ABC. O maior acontecimento social do movimento sindical no mês de junho foi o casamento do Vicentinho. Ele reuniu mais de 700 pessoas, entre elas Lula e Walter Borelli. O nome da esposa é Roseli Oneide Zerbino. Ela é pedagoga e militante partidária. A lua-de-mel foi na Itália, onde Vicentinho participaria de um congresso da CISL - Confederação Italiana dos Sindicatos Livres.

PRIVATIZAÇÃO À VISTA. O Sindicato dos Condutores de São Paulo está intensificando sua campanha contra a Privatização da CMTA, já anunciada pelo prefeito Paulo Maluf. No último dia 12 de julho, os motoristas de ônibus pararam o trânsito no centro da cidade. Enquanto preparam novas ações, aguardam com ansiedade uma força maior de outros setores do movimento sindical. Afinal, apesar de serem os principais atingidos, o assunto interessa a muito mais gente.

O artigo que está sendo objeto de resposta pelos dirigentes da CUT é de autoria de Gilberto Maringoni e foi publicado pelo **Brasil Agora** em seu nº 40 (7 a 20 de junho). Nele, o articulista questiona o fato de a CUT ter se associado a uma decisão crítica da CIOSL/ORIT (Confederação Internacional de Organizações Sindicais Livres/Organização Regional Interamericana dos Trabalhadores) sobre Cuba, que, a seu ver, ignora o fato deste país "viver em guerra há mais de 30 anos com o mais poderoso país do planeta". Adverte ainda que estas entidades "não demonstram a mesma ênfase na condenação aos ajustes neoliberais, que trazem miséria e instabilidade política à região (Caribe)". Trata-se de uma crítica dura à resolução da CIOSL/ORIT e, conseqüentemente, também à CUT, mas a responsabilidade do artigo é de Gilberto Maringoni. O **Brasil Agora**, ao publicá-lo sob a rubrica "Polêmica", não estava tomando posição. Por isso esclarecemos que é um equívoco que os dirigentes cutistas atribuem ao jornal a opinião de um de seus articulistas.

MAX SANTOS



CUT, o artigo desinforma o leitor quando afirma que a CIOSL/ORIT defende a política neoliberal e as privatizações. Essas organizações têm defendido precisamente o contrário, o que poderia ser verificado nas próprias resoluções aprovadas em Toronto, se o autor da matéria contra a CUT tivesse se dado ao trabalho de lê-las.

Também é falsa a afirmação sobre a posição da CIOSL/ORIT quanto ao golpe do Peru, Haiti, Guatemala e à invasão no Panamá. Na realidade, em que pese a diversidade de posições existentes em seu interior, a CIOSL/ORIT tem tido, nas questões relativas à liberdade sindical, direitos humanos e autodeterminação dos povos, uma atuação muito mais incisiva do que pretensas organizações "revolucionárias" cujos "compromissos solidários" ficam quase sempre restritos aos telegramas e abaixo-assinados.

Para finalizar, gostaríamos de lembrar que em todos os fóruns da CUT onde se discutem questões relativas à Cuba nossa central tem reafirmado a mesma posição: compromisso solidário com o povo cubano e apoio a saídas encontradas, nos moldes do socialismo e da democracia, para os graves problemas enfrentados.

Este nosso compromisso com o povo cubano de forma alguma poderá ser confundido com um apoio irrestrito ao regime e ao governo daquele país, com relação aos quais temos formulado críticas, especialmente quanto à falta de liberdade sindical. É um de nossos princípios básicos a defesa da liberdade sindical e autonomia das organizações dos trabalhadores frente ao governo e o Estado, princípios que defendemos no Brasil e em qualquer outro país, independente do seu regime político e de afinidades ou divergências ideológicas.

JAIR MENEGUELLI (presidente da CUT); **DURVAL DE CARVALHO** (vice); **OSVALDO BARGAS** (secretário de Relações Internacionais); **LUIS ANTONIO MARTINS** (secretário). Estes quatro dirigentes integraram a delegação da CUT no Congresso da CIOSL/ORIT.

Este jornal publicou um pequeno artigo sobre o XIII Congresso Continental da ORIT/CIOSL - Confederação Internacional de Organizações Sindicais Livres e Organização Regional Interamericana dos Trabalhadores, realizado nos dias 21 a 23 de abril passado, em Toronto, Canadá, acusando a CUT de haver se comprometido com uma "vergonhosa deliberação" contra o regime cubano. É louvável que o **Brasil Agora** tome a iniciativa de promover a discussão sobre o sindicalismo internacional, particularmente sobre a questão cubana. Só é lastimável que o faça de forma tão sectária, desinformada e com acusações injustas à CUT e à ORIT.

De fato, a resolução sobre Cuba foi um dos pontos polêmicos do congresso, mas não pelos motivos mencionados na matéria, como a falta de liberdade de associação e a ausência de pluralismo sindical. Mesmo porque até os mais apaixonados defensores da ilha reconhecem a inexistência da liberdade sindical e partidária no país, o que descarta a possibilidade de polêmica acerca desse assunto.

As denúncias de desrespeito aos direitos humanos em Cuba, um dos pontos mencionados na matéria, foram feitas a partir de relatórios da Anistia Internacional, a mesma organização que era referência para denúncias dos crimes da ditadura no Brasil e continua tendo um papel importante no processo de democratização em nosso país. Não fica bem, companheiros, utilizarmos dos seus relatórios apenas quando atendem, supostamente, as nossas concepções políticas e ideológicas.

Na realidade, as divergências com relação à Cuba surgiram com a proposta do fim do bloqueio econômico, defendida pela CUT e outras centrais presentes no congresso. A CUT não só participou das articulações pela condenação do bloqueio, como destacou, no discurso do companheiro Jair Meneguelli, que "a ocupação do Panamá e o bloqueio econômico a Cuba constituem a mais grave violação do direito à autodeterminação dos povos latino-americanos".

A posição defendida pela CUT e as centrais contrárias ao bloqueio acabou influenciando na

resolução aprovada em Toronto, que, entre outros pontos importantes, contém os seguintes trechos:

"a) Rechaça as propostas de intervenção direta que violam princípios básicos do Direito Internacional, orientadas para impor, desde o exterior, os rumos dos acontecimentos da ilha.

b) Reitera a sua convicção de que o estabelecimento de um sistema democrático, que preserve os avanços sociais do povo e dos trabalhadores, é uma responsabilidade que recai fundamentalmente sobre o povo de Cuba.

c) Recomenda que a CIOSL e a ORIT proponham o fim do bloqueio, exigindo, ao mesmo tempo, um compromisso efetivo do regime cubano para a abertura democrática que garanta o respeito e observância dos direitos humanos sindicais."

Omitidos no artigo do **Brasil Agora**, esses pontos representam um avanço reconhecido pela própria Central dos Trabalhadores de Cuba - CTC, com a qual a CUT mantém sólidos laços de intercâmbio e solidariedade.

Não satisfeito em atacar a



JURASSIC PARTY

UMA AVENTURA QUE LEVOU 13 ANOS PARA SE REALIZAR

ASSINE LINHA DIRETA

- Assinatura semestral (24 edições) Cr\$ 575.000,00
 - Assinatura anual Cr\$ 1.070.000,00
 - Assinatura de apoio Cr\$ 1.300.000,00
- Basta enviar ao PT/SP cheque nominal ao Linha Direta

NOME _____

ENDEREÇO _____

CIDADE _____

FONE _____

UF _____

CEP _____



SE A MODA PEGA...

Na China as medidas de combate à inflação, que passou de 20% no semestre, vão desde a substituição do presidente do Banco Central à condenação ao fuzilamento de um prefeito do interior acusado de corrupção. Mas o mais curioso é o caso de dois técnicos de estatística do Estado que foram demitidos porque erraram na previsão da inflação. Haviam previsto só 15%.

CACO BISOL

MIREM-SE NOS EXEMPLOS

— Canalha nunca fica sem guarda!

O desabafo do colega pode parecer exagerado, mas o certo é que na imprensa um caminho certo para ter sempre bons empregos é topar "sugar as mãos", envolvendo-se com mentiras, governos de direita, manipulação de informações etc. Duvidam? Veja onde foram parar todos os assessores de imprensa dos ditadores de até pouco tempo. Alexandre Garcia, Carlos Chagas... E já em tempos colloridos, um símbolo da ligação esdrúxula da imprensa com o poder foi Belisa Ribeiro. Sabem onde anda ela agora? Desempregada, como muita gente acha que ela merece? Claro que não! Acabo de ver uma matéria de turismo no Globo,

sobre Nova York. Assinatura: Belisa Ribeiro, correspondente.

PEDRO LUÍS

JORNALISTAS DO RIO

Nas eleições para o seu sindicato, tem um cara muito decente como candidato a presidente: Mário Augusto Jakobskind. Se eu fosse daí, votaria na chapa dele: "Vai valer a pena".

MOUZAR BENEDITO

OAB VERSUS FIESP

A Ordem dos Advogados do Brasil lançou, no dia 1º, o Movimento Nacional em Defesa da Constituição, que visa impedir que o atual Congresso, que não tem mandato popular para tanto, "revise" (leia-se *mutile*) a atual Constituição. O movimento vai no sentido oposto do *Decola Brasil* - uma armação da Fiesp, PNBE, Força Sindical e outros, que "exigem" reforma da Carta já.

ANTONIO MARTINS

MAIS CARROS, MENOS EMPREGO

Os dirigentes da Anfavea - Associação Nacional das Montadoras de Automóvel - não esconderam o entusiasmo ao revelar, dia 7, que a indústria automobilística produziu ao longo do primeiro semestre 631 mil veículos: 15% mais que no ano passado,

e um recorde histórico. No mesmo dia, porém, o Dieese lamentava: no mesmo período, as multinacionais do setor *reduziram* o nível de emprego em 1,63%.

ANTONIO MARTINS

TORTURA, OUTRA VEZ

O grupo *Tortura nunca mais* denunciou dia 9 que o presidente Itamar Franco acaba de nomear mais um torturador para cargo importante da administração federal. Desta vez trata-se do novo subsecretário de Inteligência da Secretaria de Assuntos Estratégicos, Afonso Antônio Marcondes. Ex-membro do Centro de Informações do Exército, "ele teve participação ativa e direta na tortura a presos políticos", garantiu a secretária executiva do grupo, Cecília Coimbra. Acrescentou que, estarecida, a entidade fez, num primeiro momento, denúncia reservada a Itamar, esperando uma consideração. O presidente manteve o torturador.

EDUARDO ROSA

QUEM É O VILÃO?

A grande imprensa, que ficou eufórica com a entrada do novo ministro FHC, e vendeu sua imagem como a de uma espécie de ministro-sorriso, que o povo logo apelidou de ministro-dorotéia, baixou a bola. Já mostra a cara preocupada do governo, mas procura alguns culpados, entre eles o reajuste mensal dos salários. Parece que a idéia era "primeiro arrumar a casa" e só depois aumentar os salários. Parece também que o Delfim Neto fez escola...

CACO BISOL

AULA CONTRA A FOME

A CUT está preparando uma cartilha contra a fome e a miséria, aproveitando a campanha nacional lançada por Betinho. A cartilha seria para uso nas escolas de 1º e 2º graus durante o mês de outubro (dia 16.10 é o Dia da Alimentação) e reúne sugestões de trabalho para todas as áreas do conhecimento, motivadas pela luta contra a fome para além de uma perspectiva assistencialista. Para o 3º grau a CUT vai preparar uma série de sugestões de conferências, palestras, simpósios, que poderiam motivar estudantes, professores e funcionários desse nível de ensino.

FLÁVIO AGUIAR

SARNEY TERCEIRA VIA

A revista *Veja* dedica sua seção nobre - *as páginas amarelas* - da edição

de 14 de julho ao ex-presidente José Sarney. Objetivo: lançar sua candidatura à presidência da República em 1994. Com muita sutileza, mas um tanto queixoso com o seu partido, o PMDB, que estaria *ignorando* sua candidatura, Sarney tem a cara-de-pau de defender o seu desastrado governo de uma forma absolutamente inusitada. Afirma que foi "o melhor e o pior" presidente que o Brasil já teve. Quanto ao fato de ter sido o *pior*, dá até para discutir, mas *melhor*, no quê, cara-pálida?

JOSÉ AMÉRICO

SHALOM LULA

O presidente nacional do PT acaba de retornar de extensa viagem a Israel, onde o acompanharam, além da esposa, o secretário de Relações Internacionais do partido, Marco Aurélio Garcia, José Graziano, da Comissão de Assuntos Agrários do partido, e o empresário Oded Grajew e esposa (que foram por conta própria). Lula visitou 3 *kibbutzim* e a Universidade Ben Gurion no deserto de Neguey, em busca de experiências contra a seca e de irrigação e biotecnologia.

CAMPOS LEÃO

O PT E A FOME

Em seu programa de TV do horário gratuito previsto para ir ao ar dia 15 de julho, os petistas se concentraram na discussão do tema da fome, destacando as iniciativas da sociedade civil na campanha liderada por Betinho, e que já conta com aproximadamente 500 mil participantes em todo o Brasil. Lula, recém-chegado de Israel, foi o *âncora* do programa.

Os petistas preparam um novo programa em cadeia nacional para setembro - este centrado na conjuntura e no governo Itamar.

MIGUEL SOARES

SHALOM II

Em conversa com o chanceler Shimon Perez, Lula insistiu na posição do PT em favor de uma solução negociada para a paz no Oriente Médio, que leve à criação de um Estado palestino que conviva pacificamente com o Estado de Israel. Referiu-se também ao caso da brasileira Lamira Mahruf Ahzan, presa em Israel, dizendo que não discutia nem os problemas internos de Israel, nem o mérito do julgamento, mas que fazia um apelo por razões humanitárias. Shimon Perez respondeu que esse tipo de pedido tem duas respostas: não, ou vamos estudar. "Como o sr. é amigo", completou, "vale a segunda".

CAMPOS LEÃO

DINOSSAUROS MILITANTES

"Das Bandeiras." Sob este nome pomposo, oficiais da reserva vêm organizando grupos em vários estados com um único propósito: conspirar. Simpatizantes do presidenteador Alberto Fujimori, do Peru, e do regime militar brasileiro, ao qual vários deles serviram, os oficiais de pijama tem entre seus líderes figuras como os generais Euclides Figueiredo (coordenador do movimento), Torres de Mello e Rubens Restell, que em 1974 articulou as relações dos militares com a Fiesp. O grupo de dinossauros reuniu-se em São Paulo na segunda semana de julho e afirma que já tem 500 adeptos em todo o Brasil.

JOSÉ AMÉRICO

MEU BOM ALÁ

Durante a visita a Israel, Lula compareceu também à Casa do Oriente, sede da delegação palestina às conversações de paz no Oriente Médio. Foi recebido por vários dirigentes palestinos, inclusive o vice-presidente da delegação.

CAMPOS LEÃO

VEJA



ELEIÇÕES NA ÁFRICA DO SUL. As negociações da transição para o pós-apartheid, envolvendo 26 partidos, conduziram à definição da data para as primeiras eleições gerais multiraciais no país: 27 de abril. Acabou prevalecendo a posição do Congresso Nacional Africano (CNA) e dos setores do governo que privilegiavam a negociação com ele. Os neonazistas e o Partido Inkatha, dos zulus, foram derrotados, já que queriam evitar ou postergar as eleições. Violentos enfrentamentos ocorreram nos dias seguintes, entre apoiadores do Inkatha e do CNA, provocando mais de uma centena de mortos.

A PARTILHA DA FROTA. A disputa entre a Rússia e a Ucrânia pelo espólio da URSS e em particular da antiga frota do mar Negro, composta por quase 400 navios, chegou a um impasse. Oficiais se amotinaram contra a decisão de repassar o controle de parte da frota para a Ucrânia. Para tentar contornar a crise, seu comandante, o almirante Eduard Baltin, ordenou que a antiga bandeira soviética fosse hasteada em todos os navios.

MORATÓRIA NUCLEAR. Bill Clinton decidiu manter a moratória de testes de armas nucleares, que venceu no dia 1º de julho. A Inglaterra, que testa suas bombas nos campos de provas dos EUA, bem como setores militares e da indústria armamentista queriam retomar as provas. Clinton disse que elas estão suspensas enquanto a moratória for respeitada pelos outros países.

INFLAÇÃO NA CHINA. As autoridades chinesas estão em polvorosa com a alta da inflação no país, que tem hoje a economia que mais cresce no mundo, com uma taxa de mais de 10% ao ano. A inflação, que em 1992 foi de 5,6%, já passou só no primeiro semestre de 20%. Os efeitos desestabilizadores do capitalismo sob regime de partido único são visíveis por toda parte, bem como a ausência de unidade para enfrentá-los. As medidas adotadas são disparatadas, chegando ao congelamento do preço da melancia. Analistas apontam para o risco de as desigualdades imensas no crescimento econômico, concentrado nas regiões costeiras, conduzirem à fragmentação do país.

NOVAS REPÚBLICAS. A desordem desencadeada pela disputa entre Yeltsin e o Parlamento, com a iniciativa do presidente russo de fazer uma constituição com o apoio das repúblicas, está acelerando a fragmentação do país e solapando o poder das autoridades centrais. Duas províncias da Federação russa declararam-se repúblicas no final de junho e início de julho. A região industrial de Sverdlovsk transformou-se na República dos Urais e foi seguida da região do extremo-orient, cuja capital é Vladivostok, cujo governo argumenta que deve ter autonomia econômica para atrair investimentos japoneses.

A reunião do G-7 em Tóquio, na semana passada, ofereceu um bom retrato da crise profunda em que se encontra a economia mundial. No 18º encontro anual dos líderes dos sete países mais industrializados do mundo - EUA, Japão, Canadá, Alemanha, França, Inglaterra e Itália - discutiu-se, como era previsível, fundamentalmente negócios.

As declarações preocupadas sobre a situação da Bósnia (mas nada de concreto para acabar com a carnificina) e um empréstimo, quase simbólico, de três bilhões de dólares ao mendicante presidente russo Boris Yeltsin foram destaques na imprensa. Mas com uma recessão que entra em seu terceiro ano, todos os dirigentes sofrem no front interno as consequências da retração econômica, desemprego e miséria. Alguns já estão derrotados, como o francês Mitterrand, e outros estão por um fio, como o anfitrião, o premiê japonês Kiichi Miyazawa, recém-derrubado por um voto de censura. Mas todos enfrentam o risco de "itamarização", que já atinge Bill Clinton, e tinham assim que utilizar o encontro para prometer a seus eleitores uma melhoria da situação econômica.

A RECESSÃO CONTINUA. Os EUA, que foram o primeiro país a entrar em recessão, em julho de 1990, pareciam tê-la superado no segundo semestre do ano passado, mas todos os indicadores econômicos dos últimos meses apontam para uma interrupção da retomada, por si fraca e hesitante. O plano econômico de Clinton - que prevê elevação nos impostos e uma redução do déficit orçamentário - está tendo tramitação lenta, encontrando resistências inclusive entre os democratas, e seus efeitos são incertos.

Uma grande pressão vem sendo feita sobre os governos da Alemanha e do Japão para que reativem suas economias, tirando-as da recessão e contribuindo para estimular a economia mundial. Tanto Washington como os governos europeus têm baixado as taxas de juros, para promover a retomada do crescimento. Mas o governo alemão - cuja economia esta sofrendo uma forte retração (a produção industrial caiu mais de 10% e o PIB deve cair cerca de 2% este ano) - teme uma alta da inflação com uma política de relançamento.

O governo japonês, por sua vez, administra uma economia que apresenta um superávit na conta corrente de 150 bilhões de dólares (50 bilhões só com os EUA) e apresenta pelo segundo ano consecutivo uma taxa de crescimento do PIB na faixa de 1%, quando tem um potencial de crescimento, segundo os outros países, de 3 a 3,5% ao ano. Uma redução substancial do superávit com o aumento das importações de outros países poderia ajudar na recuperação global, mas isso é descartado pelo governo de Tóquio.

RODADA URUGUAI. Com di-



MUNDO
GRUPO DOS 7

Um bando de Itamares

Reunião da cúpula mundial em Tóquio não trouxe novidades

ficuldades para implementar uma política econômica mais articulada frente à crise, os líderes do G-7 procuraram apresentar esperanças em outro terreno, no da liberação do comércio internacional. Ele atuou como importante elemento de dinamização do desempenho da economia nas últimas décadas. Mas as negociações da chamada Rodada Uruguai do

Acordo Geral de Comércio e Tarifas (GATT), iniciada em 1986 em Punta del Este, estão bloqueadas desde 1990.

As vésperas da Cúpula de Tóquio, negociadores do G-7, orientados por seus governos para apresentarem resultados, acordaram uma carta de intenções para a retomada das negociações no GATT, deixando de lado o espinhoso tema

das políticas agrícolas conflitantes dos EUA e CEE. A proposta é reduzir as tarifas alfandegárias sobre 18 tipos de produtos industriais. Esta foi a grande promessa da reunião.

A integração econômica tem enfrentado dificuldades também no processo de organização dos blocos regionais. A implementação da moeda única europeia, o próximo passo definido pelos acordos de Maastricht (para 1996), parece hoje irremediavelmente comprometida e o próprio acordo está sendo bastante desfigurado na medida em que é debatido e aprovado nos diferentes países da CEE - particularmente Inglaterra, França e Dinamarca.

E o Tratado de Livre Comércio da América do Norte (NAFTA) acaba de sofrer um golpe com a decisão de um juiz federal dos EUA que ordenou ao governo suspender todas as negociações até que o impacto ambiental do acordo seja avaliado. Já ratificado pelos parlamentos do México e do Canadá, ele deveria ser examinado pelo congresso dos EUA e entrar em vigor em 1º de janeiro de 1994.

DESEMPREGO ESTRUTURAL. A última mas não menor pedra no sapato dos governantes reunidos em Tóquio é o desemprego estrutural que está afetando as economias centrais. A taxa oficial de desemprego no países da OCDE foi 7,9% em 1992 e a previsão para este ano é que ela suba para pelo menos 8,5%. Ela está entre 10 e 11% na França, Alemanha, Inglaterra e Itália e passa de 20% na Espanha. Apenas o Japão tem uma taxa baixa, na casa dos 2,5%. Há oficialmente 23 milhões de desempregados mas, para sindicatos e agências não-governamentais, os números sobem para mais de 40 milhões quando incluídos aqueles obrigados a aceitar empregos de tempo parcial ou que desistiram de procurar emprego.

JOSÉ CORRÊA

MERCOSUL: INDÚSTRIA BRASILEIRA LUCRA

A IV Reunião de Cúpula dos Chefes de Estado do Mercosul, realizada em Assunção, começou a ter que se defrontar com os problemas reais que o tratado coloca. A abertura e integração comercial entre Brasil, Argentina, Uruguai e Paraguai está sendo posta em prática em ritmo acelerado, com grande impacto nos demais países, cujas economias têm um peso bem menor que a do nosso país. Há importantes resistências populares na Argentina e no Uruguai contra o tratado.

Mas sua importância para a economia brasileira não está sendo pequena. Beneficiando-se do câmbio favorável às exportações brasileiras e da alta taxa de crescimento da economia argentina (8,7% em 1992), as exportações brasileiras para a Argentina passaram de 3% do total em 1991 para 8,5% atualmente. A Argentina transformou-se, em um ano, no segundo mercado comprador brasileiro, depois dos EUA. Laerte Setubal, diretor de Assuntos Internacionais da FIESP, chegou a dizer que "na realidade, o que está sustentando mesmo o crescimento da indústria exportadora brasileira são as vendas para a Argentina".

A abolição completa das barreiras alfandegárias entre os quatro países está prevista para entrar em vigor no dia 1º de janeiro de 1995. Mas ela pressupõe uma articulação de políticas econômicas de seus participantes, em particular na área cambial e na definição de alíquotas comuns para produtos provenientes de outros países.

O desequilíbrio na balança comercial da Argentina com o Brasil - cuja razão de fundo é a desin-

dustrialização daquele país - está provocando reações protecionistas de Buenos Aires. O governo brasileiro pode administrar as pressões na reunião de Buenos Aires porque propôs adotar uma política cambial unificada com os demais países. Conseguiu também resolver parcialmente o espinhoso problema da adoção de uma política tarifária comum frente aos produtos de terceiros, adiando sua aplicação para 1º de janeiro de 1994.

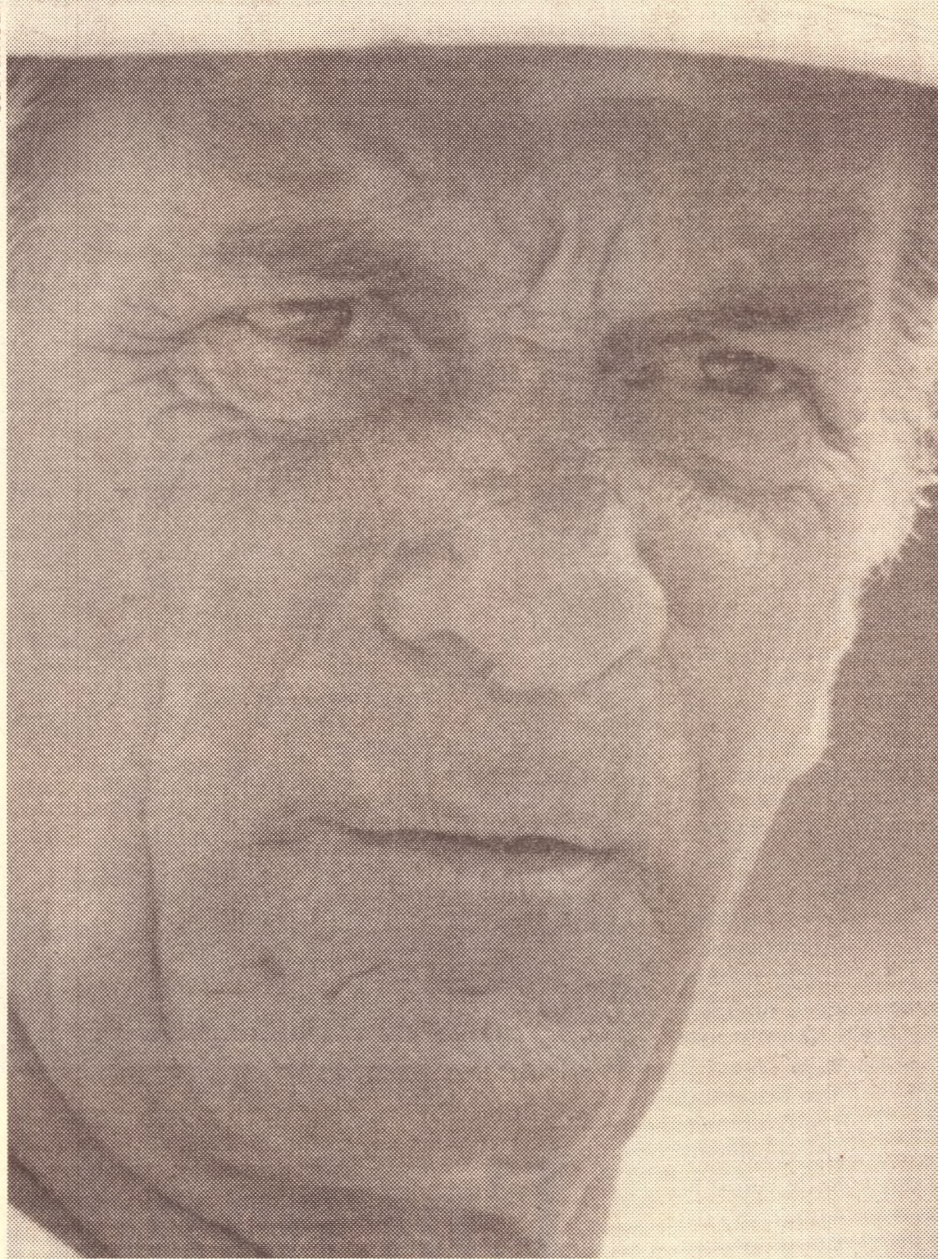
Independente do Mercosul, o impacto da abertura comercial sobre a reestruturação da indústria brasileira foi, até agora, limitado, mas tende a aumentar na medida em que as tarifas sobre produtos importados vão sendo reduzidas (caíram agora de uma média de 17% para 14,2%). A integração regional (e nela o quadro institucional do Mercosul) surge como um elemento vital para a indústria brasileira. As exportações brasileiras para os EUA e a CEE estão praticamente estagnadas, mas crescem rapidamente aquelas destinadas à América Latina (55,8% para os países da ALADI no início deste ano) e, em menor grau, à Ásia.

O desenvolvimento do Mercosul, que pode potencializar este processo, está encontrando sérias objeções por parte de Washington. Os EUA, aliás, já acenam com a expansão do NAFTA para incorporar outros países da América Latina, como a Argentina, Venezuela e Chile.

J.C.

ESTRELA

FOIHA IMAGEM



Fora

porque eles assistem à televisão brasileira: "Olha, quando o São Paulo ia jogar, nós íamos pra televisão, porque estávamos vendo um espetáculo, estávamos vendo futebol bem jogado". Sempre me perguntam: "O que você prefere: jogar bem e perder ou jogar mal e ganhar?" Eu prefiro que se jogue bem e ganhe. O futebol não pode ser colocado só nestes termos: "temos que ganhar, de que jeito seja", não é assim.

O futebol só levou mais público aos estádios porque o São Paulo recuperou o prestígio do nosso futebol.

Com relação à seleção, acontece o seguinte: se por acaso você pega uma boa equipe, que tenha um bom conjunto, é muito mais fácil fazer uma seleção aproveitando essa base, o que não aconteceu. A base não foi feita. Se nós tivéssemos um time - pode ser o São Paulo ou qualquer outro - que pudesse servir de base para a seleção, haveria muito mais facilidade para um técnico trabalhar. Ele tem que cobrir as posições que acha mais fracas com elementos que ele tem nas mãos, porque ele pode convocar todos os jogadores que quiser. A base é o São Paulo? Então pega seis ou sete jogadores do São Paulo e completa com outros jogadores para aquelas posições que ele considera mais fracas no time.

Se nós tivéssemos hoje, como já tivemos o Botafogo, o Santos, um time-base da seleção brasileira, seria muito mais fácil o trabalho e o entendimento seria maior na equipe. Isso não foi feito agora.

A gente não pode ser contra o cara que saiu pra jogar no exterior, mas a seleção titular que saiu na imprensa, apresentada como o time do Parreira, não tinha um jogador de time brasileiro. Isso não parece uma coisa um tanto desmoralizante?

Parece. Não considero aqueles jogadores que estão no exterior superiores aos que estão aqui. O próprio jogador, quando vem do exterior para a seleção, se julga superior, mas eles não são superiores. Nós temos jogadores do mesmo nível e acredito que até superiores aos que estão lá. Não é porque estão no exterior que são melhores do que os que estão aqui. Agora, na seleção, a escalação que me parece que vai ser feita é de um time totalmente de jogadores que estão jogando em outros países. Esse é um critério que eles estão adotando, mas não se pode considerar esses jogadores superiores aos que nós temos aqui, seja na defesa, no meio-campo ou no ataque. Absolutamente, não são superiores!

Inclusive o goleiro que estão indicando como titular da seleção é o segundo reserva de um time italiano; outro jogador, por melhor que seja, está na segunda divisão japonesa, ou seja,

Ele não quer nem pensar em voltar à seleção. Mas e se houver um movimento popular exigindo Telê como técnico? Veja o que ele diz em entrevista a Hamilton Cardoso e Mouzar Benedito.

O Brasil tem condições de voltar a ser o centro mundial do futebol?

O Brasil está caminhando para retomar as rédeas do futebol mundial. Temos bons jogadores aqui. É claro que os bons jogadores que aparecem são levados para o exterior, mas o Brasil é uma fonte inesgotável de craques. Aqui no São Paulo temos uma safra muito boa, jogadores novos, que jogaram no torneio de aspirantes deste ano.

Mas o São Paulo não é um caso particular, um time que desponta isolado, como foi o caso do Olímpia, que chegou a ser o campeão do mundo e nem por isso o Paraguai ficou com essa bola toda?

Acontece que um clube obriga o outro a fazer um trabalho mais ou menos como é feito lá. O futebol do São Paulo de 90 para cá obrigou também os outros a terem uma participação melhor no campeonato brasileiro, no campeonato regional, e isso fez com que acordassem o Palmeiras, o Corinthians, o próprio Santos e outras equipes do interior...

O fato de muitos jogadores irem para o exterior não acaba tirando as características do futebol brasileiro?

Acaba, um pouco. O jogador chega lá e entra no ritmo deles, e o nosso futebol é completamente diferente, prin-

cipalmente do futebol europeu. Nós não podemos ficar quadrados, no ritmo do jogo que fazem os europeus. Nós temos a nossa criatividade, a nossa invenção dentro do campo, e isso tem que prevalecer sempre. Caso contrário, nós passamos a ser quase que robôs, praticando futebol como eles praticam lá.

O futebol este ano voltou a virar um espetáculo. Valorizou, principalmente na sua equipe, o São Paulo, o que interessa ao público, pois só tem sentido ver um jogo se ele for um espetáculo. Então está voltando esse futebol. Mas foi estranho os dois times que se destacaram neste ano, o São Paulo e o Palmeiras, servirem de base para a seleção que perdeu para uns timinhos bem mixurucas na Copa América. Como se explica isso?

Olha, é até uma alegria minha muito grande, não pelos elogios que são feitos pela imprensa, mas pelo povo na rua... Ainda recentemente, na Argentina, o interesse que mostraram pelo futebol praticado pelo São Paulo é coisa de emocionar. Não é coisa só do nosso país, gostar de ver o futebol bem jogado. Eles também gostam. Todo mundo gosta. Diziam que só eu gostava de ver o futebol bem jogado, mas todo mundo gosta. Agora, chegando lá, muitas pessoas vieram me dizer -

UMA LOJA PARA QUEM NÃO TEM MEDO DE SER FELIZ



LOJA CDM - PT - SP

Rua Pedro Taques, 70 - Consolação
São Paulo/SP 01415-010
Fone: (011) 37-6651 - Fax: (011) 258-5761

QTDDE. PRODUTOS	CR\$/UNID.	CR\$/TOTAL
Adesivo Estrela	15.000,00	
Adesivos Diversos	25.000,00	
Bonê (CUT, PT, Lula, Brasil)	150.000,00	
Brinco Dourado Redondo	75.000,00	
Brinco Prateado Redondo	60.000,00	
Broche Dourado Estrela Red. (gde)	55.000,00	
Broche Fotográfico 13 anos PT	12.000,00	
Broche Fundação PT e CUT	50.000,00	
Broche Lula Bandeiras	60.000,00	
Broche Lula (4 modelos)	55.000,00	
Broche Lula com Estrela Dourada	60.000,00	
Caneta PT	40.000,00	
Caneta Lula	40.000,00	
Caneta CUT	40.000,00	
Caneta "Sem Medo de Ser Feliz"	45.000,00	
Chaveiro Couro	100.000,00	
Chaveiro Plástico PT, CUT	25.000,00	
Chaveiro Estrela PT	70.000,00	
Chaveiro PT ret.	90.000,00	
Estrela Alumínio	30.000,00	
Estrela Metal Cola (peq)	40.000,00	
Estrela Metal Solda (peq)	47.000,00	
Estrela Metal Solda (med)	48.000,00	

QTDDE. PRODUTOS	CR\$/UNID.	CR\$/TOTAL
Estrela Metal Cola (gde)	45.000,00	
Estrela Metal Solda (gde)	60.000,00	
Broche Pingente PT	25.000,00	
Broche Bandeira PT Brasil e Lula	60.000,00	
Lapela Alfinete Red. (peq)	25.000,00	
Lapela Alfinete Ret. (peq)	26.000,00	
Lapela Alfinete Red. Dour. (med)	35.000,00	
Camisetas Hering BR	220.000,00	
Camiseta "Sem Medo de Ser Feliz"	390.000,00	

PREENCHA O CUPOM ABAIXO E MANDE SEU PEDIDO

Nome: _____
End.: _____ nº _____
Apto.: _____ Bairro: _____
Município: _____ Estado: _____
Entidade e/ou Nome do Resp.: _____

Condições de pagamento à vista

Acima de Cr\$ 4.000.000,00	20% de desconto
Acima de Cr\$ 8.000.000,00	25% de desconto
Acima de Cr\$ 15.000.000,00	30% de desconto

PREÇOS VÁLIDOS ATÉ 31/07/93

Parreira! Viva Telê!

segunda divisão de um país que nem tem tradição de futebol. Estranho, não?

Eu lido com os jogadores, sei das qualidades e dos defeitos que eles têm. Fui à Europa no princípio do ano e, analisando o que vi lá, jogos importantes, confesso que num futebol que é tão badalado, como o italiano, eu não vi, por exemplo, um goleiro tão bom quanto o Zetti. Não vi! Vi vários jogos lá, e para mim o Zetti é superior a todos os goleiros que vi jogando lá. Mas não dão valor. Dizem sempre que o Brasil não tem goleiros, e o Brasil tem alguns bons goleiros, e o Zetti atravessa no momento uma fase excepcional. Eu o considero hoje melhor do que quase todos os goleiros que vi atuando na Europa.

Em toda rodinha em que se discute futebol, hoje, tem sempre alguém dizendo: "O Telê tem que ser o técnico da seleção". Como você vê isso?

Isso é um momento do futebol. Se você analisar o trabalho que foi feito ultimamente pelo próprio Parreira, não houve nada assim de destaque, que pudesse elevar o nome dele e tal, e é por isso que às vezes lembram do meu nome, porque vínhamos ganhando muitos títulos, com o São Paulo jogando um bom futebol. Então o torcedor que já me conhece há um bom tempo, e alguns homens da imprensa também, lembram do meu nome. Eu não quero dizer que eu não tenha condições de dirigir a seleção, mas é o momento, às vezes, que faz o torcedor pensar no meu nome. Eu me sinto orgulhoso, até envaidecido com isso, mas não tenho intenção de voltar. Mesmo porque eu acho que o tipo de trabalho que executam lá não se dá bem com o que eu penso do futebol.

Existem coisas lá dentro, algumas imposições que eu, se tivesse que trabalhar com eles, não aceitaria. Então não adianta ficar remoendo, porque eu não tenho intenção de voltar à seleção. Já estive duas vezes em Copa do Mundo, dirigindo a seleção, e o que se fala é que perdemos. Tudo bem, nós perdemos, mas jogando futebol, mostrando ao mundo que ainda temos futebol, como foi em 1982 e 1986. Perdemos, o que se vai fazer? Futebol é assim. Pelo menos nós apresentamos um futebol decente, um futebol digno do Brasil, que sempre teve boas seleções em Copas do Mundo. O pior é jogar como jogamos em 1990, uma seleção que não jogou nada e que perdeu feio.

Mas e esse sentimento popular de que o técnico tem que ser o Telê? Se houver uma pressão grande, qual será seu comportamento?

Continua sendo o mesmo. Eu não tenho intenção de voltar à seleção e afirmo sempre: o programa que eles querem que se faça, eu não aceito, acho que é bem diferente do que eles gostariam que fosse. É trabalhar com outro, é ter que fazer escalação dias antes pra entregar pra diretoria ver, escalar o time um dia antes pra ver se eles aprovam... Não pode ser assim no futebol. Ou você confia no trabalho do seu técnico ou então procura um em que você confie. O que não pode é ficar com desconfiança e querendo se intrometer nas coisas que o técnico vai fazer e que naturalmente ele, que sofre todas as pressões e tudo, vai querer fazer da melhor forma possível.

Nós conhecemos o Telê como técnico, mas não conhecemos o Telê jogador. Quais eram as características do jogador Telê?

Um jogador de raça, que dava tudo dentro de campo por uma vitória. Eu vim do interior propenso a vencer no futebol, e venci, felizmente, graças a Deus. Tive muita vontade, muito interesse, muita disciplina, sempre fui um jogador muito dedicado à minha pro-



fissão. Acho que esta é uma profissão ótima, que todo mundo gostaria de ter, porque todo mundo gosta de jogar futebol, e nós ganhamos para jogar futebol. Fazemos aquilo que gostamos e ganhamos para fazer aquilo que gostamos...

Em que times você jogou?

Eu joguei doze anos no Fluminense, quando vim de Minas. Isso como profissional. Comecei jogando em Itabirito, no Itabirense, depois fui pra São João D'El Rei e joguei na América de lá, onde

dor saía do campo, claro que o do time que venceu com mais alegria, e aquele outro que perdeu mais ou menos triste. Mas não deixavam de se cumprimentar, de conviver e até de comentar o jogo, sair dali e tomar uma cerveja juntos. Hoje virou um pandemônio ir ao campo de futebol, porque o torcedor não sabe se ele vai chegar bem, se sairá bem do estádio, todo mundo anda preocupado. Parece que há uma indústria na torcida, que quer viver daquilo,

Os jogadores que estão no exterior pensam que são superiores aos que estão aqui. Mas não são.

Eu não tenho a intenção de voltar à seleção. O programa que eles querem eu não aceito.

Uma grande vantagem que os brasileiros levavam sobre os europeus era que o brasileiro jogava descalço até os 14 ou 15 anos

fui descoberto pelo Fluminense. Vim fazer um teste e acabei ficando durante doze anos. Depois do Fluminense, fui pro Guarani, onde fiquei quase dois anos, depois voltei pro Rio, quando já estava encerrando a carreira. Já tinha até parado algum tempo, mas o Zezé Moreira pediu pra que eu voltasse, e eu joguei no Vasco durante um período, um final de campeonato carioca, e depois encerrei minha carreira.

Como você está vendo a torcida, a violência aumentando cada dia mais?

É lamentável que isso ocorra. Eu sou do tempo em que os clubes lutavam sempre por campeonatos, e as torcidas tinham rivalidade, como até hoje tem, no Fla-Flu, por exemplo. Talvez Flamengo e Fluminense sejam os clubes que tenham maior rivalidade desde que a gente conhece o futebol. Desde que eu entendo de futebol, sempre ouvi falar que o primeiro clássico era o Fla-Flu. E sempre houve um interesse muito grande do torcedor em ver os jogos, em participar deles, torcendo. Mas não havia essa violência que hoje existe. Quando acabava o jogo, o torce-

quanto que na época em que a gente jogava não tinha esse problema, ninguém vivia às custas do futebol com torcidas organizadas. É preciso que os homens que conduzem esses torcedores ponham a mão na consciência, porque eles estão acabando com o futebol.

Vendo os últimos vinte anos, a composição racial da seleção foi mudando, ela tinha mais negros, agora está diminuindo...

Isto é inexplicável. Eu, pelo menos, não conheço no futebol problemas de racismo. A mim não interessa se o jogador é amarelo, vermelho ou branco. Eu quero é ver o jogador jogando bem, isso é o que interessa. Mas pode ser uma coincidência que tenha acontecido isso. Aqui no São Paulo temos muitos jogadores negros. Acho que é uma coincidência numa determinada época ter mais jogadores claros do que escuros. A verdade é que nossa classe pobre é mais de negros, e o negro está mais no futebol desde que começa a crescer. O futebol na rua, o futebol em qualquer parte em que ele estiver... Ele tem sempre uma bola de meia para jogar, então

há mais facilidade de aparecer um jogador negro, mas pode coincidir que numa seleção tenha mais jogadores claros. Não que haja racismo...

Talvez isso tenha a ver com a diminuição dos campos de várzea, e com isso de escolinhas de futebol, que custam caro às vezes, e é só a classe média que pode pagar.

Se o problema for olhado desta maneira, nós vamos ser prejudicados, porque realmente aquele que tem mais tempo pra jogar futebol não é aquele que vai estudar todo dia, de manhã, à tarde, como acontece quando os pais colocam os filhos na escola de manhã pra voltar pra casa à noite. Não é daí que vão sair os bons jogadores. Os bons jogadores vão sair da rua, é o garoto que é pobre, que estuda de manhã e de tarde vai jogar futebol, ou que estuda de tarde e joga futebol de manhã. Os que estão na rua, sempre, daí é que saem os grandes jogadores. Eu tiro a base por mim mesmo, lá no interior. Eu passava todas as horas fora da escola jogando futebol. A minha vida era o futebol. É daí que nascem os jogadores.

Então, nisso, a diminuição dos campos de várzea prejudica muito.

Prejudica muito. Hoje a vida é um corre-corre danado, pior do que era antes. Hoje, às vezes, o seu filho tem sete ou oito anos e você já tem que dar uma tarefa a ele, pra ele ajudar em casa. Isso tem prejudicado muito o aparecimento do bom jogador, que sempre aparece na várzea...

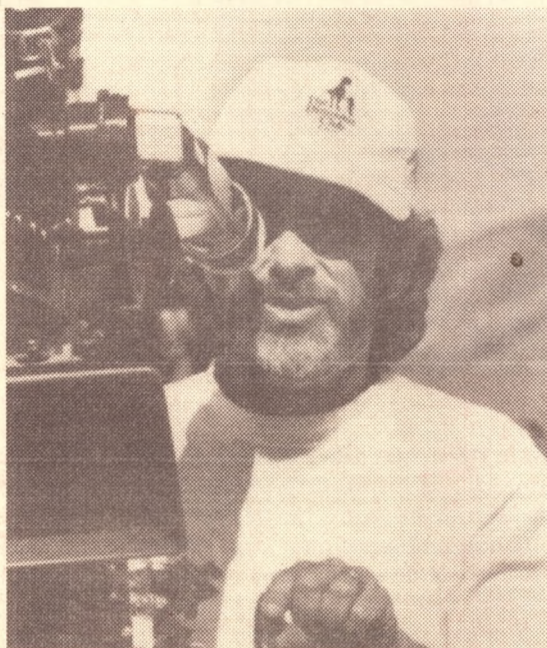
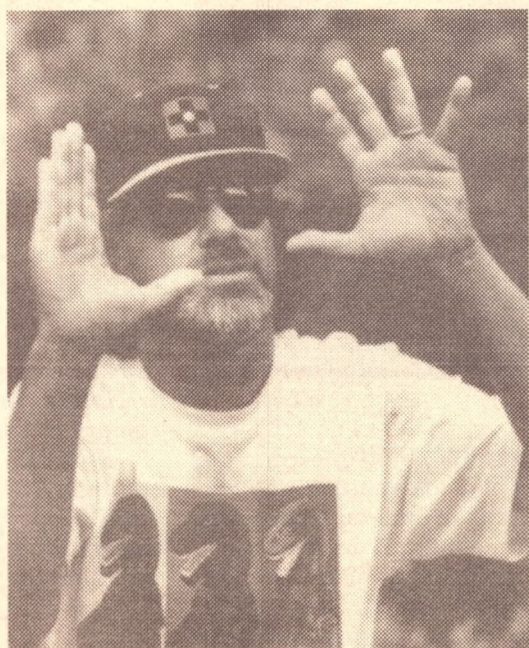
Mas parece que essa redução do número de jogadores de origem bem popular foi se vinculando um pouco com a coisa dos jogadores brasileiros irem aderindo muito ao estilo europeu de futebol. E também tem aumentado muito a preferência da juventude pelo futebol de salão...

O que é um mal. Para o futebol de campo, é um mal o futebol de salão. É um futebol que você joga olhando dois ou três metros à sua volta. O futebol de campo é outro, tem jogadas longas pra fazer. Quem se habitua ao futebol de salão, se habitua a fazer jogadas de só dois ou três metros à sua volta.

Outra coisa que tinha, que é importante e está mudando, e que pode ter uma influência no fato de não aparecerem muitos jogadores assim, é o jogo descalço. Os brasileiros levavam uma vantagem muito grande porque até os 14 ou 15 anos jogavam descalços, então ganhavam uma habilidade que os europeus não têm. Jogar descalço faz com que você tenha uma habilidade maior em dominar a bola, bater na bola. Quando você vai botar uma chuteira nos pés é quando já tem uma certa idade pra jogar em campo, em times já feitos. Então você vai já com mais habilidade e com mais facilidade do que aqueles que não jogaram descalços. É onde temos mais habilidade que os europeus, que nunca andaram descalços. Nós brasileiros sempre andávamos descalços quando éramos crianças.

Outra coisa: os grandes times do mundo estão sendo superados por times sem tradição nenhuma, como o México, Grécia...

É que o futebol se nivelou muito. E foi nivelado um pouco por baixo, não foi por cima não. Os que estavam em cima caíram um pouco e quem estava embaixo subiu um pouco, estamos nivelados assim. Você vê hoje... temendo o Equador, temendo a Colômbia, que antes eram equipes de que o Brasil ganhava com um pé nas costas. Hoje estamos nivelados, porque eles melhoraram um pouco e nós, que éramos considerados os melhores, caímos. O nível técnico da Copa América foi muito baixo. Nós temos futebol pra jogar muito mais. Nós, a Argentina que ganhou...



TALENTO OU ILUSÃO?

Desde o estrondoso sucesso de *Tubarão*, em 1975, centenas de milhões de dólares já foram contabilizados em torno dos filmes de Steven Spielberg, quer fossem oriundos de bilheteria ou do fortíssimo *merchandising* que tem permeado suas obras. Só para ilustrar, os 50 milhões de dólares empregados em *Parque dos Dinossauros* voltaram para o bolso de seus produtores em menos de uma semana de exibição - isso só nos Estados Unidos. O fato é que ninguém fica indiferente a seus filmes, ainda que, ao estilo de alguns críticos de cinema brasileiros, preferiam dissimular a falar mal abertamente, por medo de perder as regalias oferecidas pelas produtoras.

Spielberg estreou na direção através de um episódio do longa *Night Gallery*, feito para a televisão em 1969. Em 1971 já realizava aquele que para muitos é seu grande - e único - momento de brilho: *Duel*, ou *Encurralado*, um *thriller road-movie* de nítidas influências *hitchcockianas* capaz de arrebatá-lo da primeira à última tomada. Feito para a televisão, *Encurralado* teve boa performance também nas telas. Seguiram-se *A força do mal* (*Something Evil*, 1972) e *Savage*, de 1973. A primeira fase de sua carreira seria encerrada com outro eficiente *road movie*: *Sugarland Express*, ou *Louca Espada*, no qual Goldie Hawn põe toda a polícia da América atrás de si apenas por querer ficar com seu bebê.

ESTADO DE ARTE. Difícil quem nunca tenha visto *Tubarão* (*Jaws*, 1975). Os efeitos de animação que davam vida ao monstro e aterrorizavam a plateia foram o começo do fetiche do diretor pelo primor pirotécnico que passaria a acrescentar em proporções cada vez maiores a seus filmes. Essa concepção, que para os mais radicais nem pode ser chamada de cinema, alcança-

*Amor ou ódio.
Gênio ou farsante.
Não há meio termo
para os filmes de
Steven Spielberg.
E ele vai marcando
gols, nas telas e nas
bilheterias.*

ria o estado-de-arte em *Contatos imediatos do terceiro grau*, de 1977. Não contente em brincar com os nervos, Spielberg passaria a flertar com o imaginário das pessoas, com o melhor filme sobre discos-voadores já realizado até então desde *O dia em que a terra parou*, imbatível clássico *science-fiction* da década de 50. *Tubarão* e *Contatos* marcariam também o *début* do ator Richard Dreyfus em seus filmes. Datam daí as acusações de colaborador de um exacerbado sionismo supostamente existente em Hollywood (e daí para toda a América), pois ambos são judeus.

Em 1977 surge *1941*, uma fraca comédia recheada de *gags* inconseqüentes sobre um fictício ataque japonês a Hollywood durante a Segunda Guerra Mundial. Percebendo que tanto público como crítica queriam pão e circo, cria a Amblin Productions, que passaria a ser a responsável pelo impacto visual de seus filmes. O definitivo toque de Midas surge em 1981 com *Caçadores da Arca Perdida*. As aventuras de *Indiana Jones*, o homem de Marlboro e herdeiro direto de John Wayne, prepara o caminho para *E.T. - O Extraterrestre* (1982), aventura intergaláctica bem ao gosto de seu criador: emoção, efeitos especiais, risos, lágrimas e dólares. Enfim, um pro-

grama (ou produto?) para toda a família, a maior bilheteria de toda a história do cinema. Antes do retorno de Harrison *Indiana Jones* Ford às telas, Spielberg, ao lado de John Landis e outros diretores, encontra tempo para homenagear o ancestral (e genial) seriado *Além da Imaginação*, dirigindo um dos episódios da colagem homônima, datada de 1983.

ATORES ECONÔMICOS. Na tentativa de rebater as críticas de "comercial" que lhe são imputadas, Spielberg adquire de volta o respeito conquistado com *Encurralado* ao dirigir magistralmente o dramalhão étnico *A cor púrpura*, de 1985. O filme revela ao mundo o talento da atriz negra Whoopi Goldberg, que para alguns só encaixou o elenco por ser casada com um judeu. Aliás, pesa também sobre Spielberg a acusação de trabalhar com crianças e elencos semidesconhecidos como medida de economia. Coincidência ou não, o convincente *Império do Sol* tem como principal protagonista o adolescente Cristian Bale. A trilogia de *Indiana Jones* é completada em 1989 com *A Última Cruzada*, mesmo que muitos não acreditem no fim da série. Ainda em 1989, *Além da Eternidade* soa apenas como chata e esquelética refilmagem de *Meu nome é Joe*, produção dos anos trinta com Spencer Tracy no papel título.

Chega-se então ao Spielberg dos 90. *Hook*, de 1991, pareceu não convencer nem ao diretor ao tentar contar a história de Peter Pan. Por último, o controvertido infantilismo e comercialismo exacerbado de *Parque dos Dinossauros*, que fica a meio caminho (sob o prisma de uma visão mais acurada) ao adaptar o romance que poderia ter rendido um filme excepcional. Só que desta vez Spielberg subestima a inteligência alheia, de olho nas bilheterias, para delírio de seus críticos.

CARLOS EDUARDO OLIVEIRA

OS DINOCHATOS

Este Parque dos Dinossauros nem parece filme do mesmo cineasta de *Contatos imediatos do terceiro grau*, *Encurralado*, ou mesmo do divertidíssimo *Indiana Jones III*. Parque dos Dinossauros é um filme sem inspiração: parece que a equipe e o diretor ficaram brincando de desenhar dinossauros nas telas e se esqueceram de fazer e dirigir o filme.

A coisa mais óbvia, entre as muitas, desse parque, é que ele prepara o Parque II. Se não vier a continuação é que haverá surpresa, pois as perguntas que ficam no ar são inúmeras. Em primeiro lugar, por que a dinossaura estava doente? Seria uma forma de procriação? E o que vai acontecer com os embriões roubados pelo chefe da segurança, que morre a meio do caminho, deixando a latinha perder-se na enxurrada? E como vai se resolver a emocionante pergunta, que certamente se colocará em *Dino II*, sobre se é necessário, válido, moral, destruir a ilha ou não? E o que dizer daquelas cenas iniciais, em que um dos velociraptores é morto? Qual o sentido de tudo isso? Até *Tubarão*, um dos filmes mais comerciais de Spielberg, era melhor.

Spielberg é um pensador. Pensa a história. Mas desta vez esqueceu-se de pensar, este foi o problema. O roteiro e o argumento banalizam velhos temas da ficção científica. Lembrei-me de *O mundo perdido*, filmagem do conto homônimo de Conan Doyle (o mesmo do *Sherlock Holmes*), filme em preto e branco feito na década de 50, e que, de acordo com a tradição literária, localizava este mundo dos dinossauros sobreviventes nos altos das montanhas entre a Venezuela e o Brasil. Os bichos tinham então a mobilidade disponível, isto é, corriam e atracavam-se parecendo esses antigos brinquedos de corda que eram os encantos dos dias de chuva. Mas a equipe que ia em busca da terra de antanho se embrulhava em perguntas sobre a existência de Deus ou não, o primado do materialismo, o sentido da traição, e coisas semelhantes. Nada muito profundo, mas as perguntas lá estavam.

FIM DO CAPITALISMO? Agora, caramba, a única pergunta que o filme insiste em colocar é a de se o protagonista quer ser pai ou não, se criança é chata ou não, se a família americana ainda dá pé ou não. Não, não dá pé. Pelo menos a família do filme. Um avô rico que manda seus netos para uma experiência em um parque de dinossauros é mais inverossímil do que o John Wayne vestido de baiana cantando "Southamerican way".

Em todo o caso, como diversão que atrai milhões (de gente e de dólares) o filme é sintoma de algo. O que vai mal nos EUA, além da situação social completamente deteriorada, é a moral protestante que sempre foi o forte do capitalismo. Se retornasse à terra, Max Weber teria de reescrever seu livro *Capitalismo e ética protestante*. No filme ninguém gosta do trabalho. Nem mesmo o velho criador do parque. Ele quer fazer algo que "tenha sentido", diz a toda hora. "Sentido", para ele, é uma *Disneylândia* com brinquedos vivos. Que capitalismo é esse, que só pensa em se divertir?

Quem poderia dar um personagem interessante, neste caminho, é o matemático partidário da teoria do caos. Mas fica desperdiçado, com aquele ar de latin lover canastrão que está lá só para passar a mão na mão (e só na mão!) da mocinha e admirar as pernas que ela vai mostrando assim, sem dar-se conta. Os grandes temas da ficção científica: a volta ao passado, o entrecruzamento dos tempos, a irrupção da natureza humana mais bestial em meio às inovações tecnológicas (como no nazismo, por exemplo), tudo isso vai numa enxurrada de celulóide embalada pelo alucinógeno das imagens muito bem criadas no computador, de uma trilha sonora de primeira e de uma fotografia razoável que ficam, literalmente, penduradas no pincel, abandonadas por um filme sem espinha.

FLÁVIO AGUIAR